



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Paulo Estácio Junior

**Movimentos Insurgentes e Autoformação no contexto do Império e da
Multidão**

São Gonçalo

2015

Paulo Estácio Junior

Movimentos Insurgentes e Autoformação no contexto do Império e da Multidão



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Monique Mendes Franco

São Gonçalo

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D



Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paulo Estácio Junior

Movimentos Insurgentes e autoformação no contexto do Império e da Multidão

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de junho de 2015.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Monique Mendes Franco (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Rita Leal
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Emmanoel Oliveira Boff
Departamento de Economia - UFF

São Gonçalo
2015

DEDICATÓRIA

Ao João, filho querido e muito amado que está chegando.

AGRADECIMENTOS

À Monique Franco, pela orientação, afeto e carinho em cada momento desta jornada em que estamos juntos desde outubro de 2009. Esse jeito de orientar que pode parecer doido (e acho que é mesmo) para quem vê de fora foi perfeito para mim. Teria desistido da academia se tivesse sido orientado de outra forma, e não seria tão apaixonado pela Educação se você não tivesse me mostrado que existem vários outros caminhos para pensá-la e vive-la.

À Karina, minha companheira de jornada, mãe do João, que com muito amor me incentiva e impulsiona a buscar sempre mais. Te amo.

Aos meus pais, Vânia e Paulo, e irmãos, Patrícia e Fernando que mesmo de longe se mostraram sempre presentes e interessados no processo de pesquisa e escrita.

Aos meus amigos Handerson e Lydia que estiveram presentes em cada fase do Mestrado, das primeiras aulas ao ponto final desta dissertação. Nossa amizade me fez superar os momentos mais difíceis de todo esse processo. Serei eternamente grato.

Ao meu primo, Vinícius, que no momento de maior tensão me deu forças e incentivo para não desistir desta dissertação.

Aos meus outros grandes amigos (Wendel, Brenda, Lúcio, Bruno, Diniz, Gustavo, Alê, David, Gabriel e todos os outros) que desde a escola ou faculdade me oferecem uma válvula de escape disso tudo e ótimas risadas sempre.

Ao programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Formação de Professores pelo incrível espaço de formação e discussão oferecido.

RESUMO

ESTÁCIO JUNIOR, Paulo. *Movimentos Insurgentes e Autoformação no contexto do Império e da Multidão*. 2015. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

Esta pesquisa faz parte do Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais na linha de Políticas, Direitos e Desigualdades da Faculdade de Formação de Professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E se trata de uma reflexão sobre as jornadas de 2013 no Brasil, tendo como objetivo investigar espaços virtuais relacionados a esse momento histórico em que a autoformação se mostra particularmente potente. A multidão (palavra que aqui é entendida como um importante conceito) foi às ruas reivindicar direitos básicos e uma maior participação no processo democrático brasileiro. Podemos dizer que ela se fez presente também nas redes sociais, debatendo, propondo e criando outras maneiras de existir. A título de recorte, essa pesquisa buscará apontar os limites, contradições e possibilidades das páginas do Facebook da AnonymousBrasil e Anonymous Rio (sic) como espaços de autoformação, principalmente no tocante a autoformação política propiciada pelo levante brasileiro. Através de experiências no campo áudio-visual e artístico, esses territórios colaborativos se mostraram profícuos para esta formação de si mesmo. A metodologia escolhida para conduzir este estudo foi a cartografia, uma vez que esse é um método profundamente relacional, em que a pesquisa se dá com/no outro. Dessa forma, podemos encarar a pesquisa (tanto o campo quanto o objeto a ser pesquisado) como um processo em constante disputa e deslocamento. Posto isso, por meio da reflexão do contexto biopolítico em que as manifestações ocorreram, busco apontar a dimensão formativa que a multidão parece ter, e como as experiências e afetos vividos por esses sujeitos diante desse momento histórico contribuíram para sua formação política. Cabe destacar que essa formação não é encarada sob uma perspectiva formal, disciplinar ou de controle – em que algo é ensinado ao outro, e sim como uma formação profundamente colaborativa, na qual aquele que a experimenta é convidado a formar sentidos *com* o outro.

Palavras-chave: Autoformação. Multidão. Jornadas 2013. Formação política. Facebook.

ABSTRACT

ESTÁCIO JUNIOR, Paulo. *Insurgent movements and Self Education in the context of Empire and Multitude*. 2015. 84f . Dissertation (Master of Education) - University of Teacher Education, State University of Rio de Janeiro , São Gonçalo , 2015 .

This dissertation is part of the Master's Program on Education - Formative Processes and Social Inequalities in the line of Policy, Rights and Inequalities of the Faculdade de Formação de Professores (School of Teacher Education) at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (State University of Rio de Janeiro). And this is a reflection on the 2013 protests in Brazil; we aim to investigate virtual spaces related to this historical moment in which self formation was shown particularly potent. The multitude (this word here is understood as an important concept from Antonio Negri) took to the streets to claim basic rights and greater participation in the Brazilian democratic process. We can also say that the Multitude was present in the social networks too, debating, proposing and creating other ways of existence. This research sought to map through the mapping method the flow on the Facebook pages of AnonymousBrasil, Anonymous Rio, searching posts and comments that presents these pages as online spaces where self formation, mainly political, provided by the Brazilian uprising was present. These pages enabled collaborative territories in which information and relations were exchanged proving important tools for the formation of oneself. The methodology chosen to conduct this study was cartography, since this is a deeply relational method, in which the research is with / on the other. Thus, we can face research (both the field and the object to be searched) as a process in constant dispute and displacement. That said, by reflecting the bio-political context in which the events occurred, we searched to point out the formative dimension that the crowd seems to have, and how the experiences and emotions lived by these individuals on this historic moment contributed to its political formation. It should be noted that such training is not considered from a formal perspective, that involve discipline or control - that something is taught to the other, but as a deeply collaborative formation, where the one who experiences it is asked to form senses with the other.

Keywords: Self Formation. Multitude. 2013's protests. Political formation. Facebook.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	NÃO CABE TEMER OU ESPERAR, MAS BUSCAR NOVAS ARMAS...	12
1.1	Os modelos de sociedade	13
1.2	O Império e a Multidão	17
1.3	As manifestações de 2013 – um berve histórico	19
2	PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	25
2.1	O PageData e o seu paradoxo	26
2.1.1	<u>O percurso do mapeamento do dados.....</u>	29
2.1.2	<u>A estrutura do site PageData</u>	31
2.2	Facebook	33
2.3	Cartografia	37
3	OS RASTROS, OS GRÁFICOS, OS POSTS E A AUTOFORMAÇÃO.....	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	58
	APÊNDICE A	60
	APÊNDICE B.....	62
	ANEXO A	78

MEMORIAL

Ao entrar no curso de letras na Faculdade de Formação de Professores, imaginava uma universidade como sendo um lugar de muitas festas e poucas aulas, em que as pessoas entravam e saíam muito preocupadas com suas próprias vidas sem se importar muito com aquilo que está ao redor. Acertei. Digo, pelo menos essa opção existe e é feita por vários alunos. Porém, já no primeiro dia de aula fui capturado – e isso não tem necessariamente alguma coisa a ver com a dupla captura de Deleuze & Guatarri; fui capturado por uma fala, de uma certa veterana, militante feminista de um certo partido revolucionário. Sua fala, em suma, nos convidava (os calouros) a nos “importar”. Enquanto a maioria dos colegas optou por ignorar o convite, o aceitei de pronto e, vejo agora, me abri para uma formação crítica-política-acadêmica me importando *com* e sendo afetado pela a universidade e aquilo que está para além dos seus muros.

Como sempre fui muito mais dado ao convívio com os amigos no Centro Acadêmico de Letras do que ao convívio da sala de aula, acabei me formando em movimento. Não estou dizendo que após uma linearidade inequívoca o fluxo dos acontecimentos desembocou nesse instante mágico em que escrevo essa linha. Por isso, os caminhos e descaminhos, os calços e percalços têm igual importância, afinal “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LARROSA, 2002, pg. 20).

Outro momento que me afetou veio lá pelo meio da graduação, quando entrei em contato com o *Núcleo Interdisciplinar Resistência e Arte* (NIRA), o *Laboratório de Investigação Social* (LIS) e o *Cinema Paraíso*¹. Com as discussões e experiências vividas

¹ O NIRA - Núcleo de Investigação RESISTÊNCIA & ARTE é um coletivo de professores/pesquisadores, estudantes, artistas e ativistas culturais que tem como agenda o estudo e o exercício de dinâmicas formativas e estéticas livres e inovadoras, visando a potencialização de uma *poiésis* que afirma todas as linguagens como integrantes e constituintes de manifestações discursivas, produtoras de subjetividades. No diálogo com as noções de *multidão* e *comum* buscamos fazer emergir e potencializar novos modelos não deterministas de resistência, assim como, a agregação à malha produtiva e social de pessoas e movimentos autônomos, instituintes e insurgentes, atuando numa outra esfera de visibilidade e padrões de audiência. Entendendo que a subjetividade só é possível na ação e relação do indivíduo com seu pensamento e corporeidade, o Núcleo, atualmente, se apresenta num deslocamento entre dois laboratórios. O Laboratório de Investigação Social (LIS), que incorpora pesquisas e ações no campo dos Direitos Humanos, Movimentos Sociais, Políticas Afirmativas e Culturais, atravessadas pelas noções de biopolítica e biopoder, mundialização e territorialidades, moral e performance, identidade e diferença, e o Laboratório Audiovisual Cinema Paraíso, no qual, a partir do conceito de Gestell, incorpora-se a noção da técnica como realização do processo de subjetivação singular de cada indivíduo, concebida como mediação entre o gênero humano e o mundo. O exercício desta concepção se dá por meio de pesquisas e intervenções no campo da convergência de mídias e das tecnologias de comunicação, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em São Gonçalo, leste fluminense. (in

sob a orientação da Professora Dra. Monique Franco, tive finalmente a oportunidade de conjugar minha militância com a academia. Fui apresentado ao projeto *A reserva de vagas nas universidades públicas brasileiras no contexto do individualismo contemporâneo: a UERJ em cena*.

A proposta da minha pesquisa naquele projeto foi investigar os discursos veiculados na mídia virtual, no tocante a política que instituiu a reserva de vagas nas universidades para alunos oriundos da escola pública e de minorias étnicas. Com o intuito de superar uma fraca polaridade “lugar-comum” tão difundida neste debate – aqueles que apoiam a referida política, e aqueles que são contra; a investigação deu-se apontando que o discurso presente nos dois posicionamentos (pró X contra as políticas afirmativas), parte de bases argumentativas em comum. Bases essas, advindas de formações discursivas (nos termos foucaultianos) também em comum. Nesse momento, a pesquisa se interessava nas relações de poder inseridas no processo de implantação da política de ação afirmativa (cotas) e seus efeitos na sociedade. Para isso adotamos a perspectiva linguística abordada e desenvolvida pelo filósofo Michel Foucault, sobretudo no livro *A Ordem do Discurso* (1996) e *A Arqueologia do Saber* (2005).

A pesquisa que aqui expus brevemente fez parte do meu cotidiano na FFP por pouco mais de três anos, nos quais fui bolsista de iniciação científica UERJ e CNPQ. Foi também a pesquisa com a qual me candidatei a uma vaga no programa de Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais na linha de Políticas, Direitos e Desigualdades da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ela teria sido desdobrada em uma dissertação, não fosse um acontecimento que me deslocou e afetou profundamente.

INTRODUÇÃO

*“They will not force us
And they will stop degrading us
And they will not control us
We will be victorious, so come on”
Muse – Uprising*

No mês de junho de 2013, a poucos dias do início da Copa das Confederações FIFA 2013, o Brasil foi tomado por uma onda de protestos desencadeados pelo aumento em 0,20 centavos da passagem de ônibus em algumas capitais do país. O que em um primeiro momento foi taxado pela imprensa *mainstream* como um evento conduzido por um “grupo de revoltosos de classe média que não valem vinte centavos”², com a rapidez de um clique se tornou algo muito maior, “Amanhã vai ser maior, amanhã vai ser maior”, dizia uma das músicas cantadas a plenos pulmões durante as manifestações. Dos 0,20 centavos surgiram outras demandas que não só pelos 0,20 centavos. Contra as PECs 36 e 37, a corrupção, a realização da Copa do Mundo e os mandos e desmandos dos governantes para garanti-la, à favor de investimentos para a saúde e educação... Enfim, a principal demanda se tornou a reivindicação de direitos básicos com uma maior participação da população no processo democrático brasileiro, e as manifestações foram alçadas a categoria de assunto do dia.

Onde antes se via e ouvia que o brasileiro, sobretudo os mais jovens, eram politicamente desinteressados, ganhou força uma predisposição a debater as jornadas de junho junto com os protestos diários. A mídia que se preocupava em relatar o caos no trânsito acarretado pela multidão que ocupava as ruas, se viu obrigada a recuar e reorganizar sua pauta para disputar os efeitos e sentidos desse evento histórico. Ao lado da experiência de ter participado de várias manifestações ao longo do período (e mesmo antes), fomos afetados pela experiência de sermos professores, e estar em contato com alunos - em sua maioria jovens - ávidos para debater esses acontecimentos. Essa foi a motivação e interesse em investigar as jornadas, uma vez que temos a oportunidade de juntar a militância com a reflexão acadêmica pondo-as em diálogo com o “ser” professor.

Nesse contexto, nossa hipótese de pesquisa em diálogo com a teoria pertinente, é de que estamos presenciando um momento de ruptura e de profundas transformações do tecido

² Frase usada pelo jornalista e “comentarista político” Arnaldo Jabor em seu programa diário na CBN, e na participação semanal no Jornal da Globo, ambas no dia 13/06/2013, para falar sobre os protestos, e que de certa forma refletia a cobertura que a imprensa fazia até então.

social no Brasil e no mundo, pois “essas novas configurações e subjetividades são produzidas porque, embora as lutas sejam de fato anti-sistêmicas, não constituem simplesmente forças negativas. Elas também expressam, alimentam e desenvolvem positivamente seus próprios projetos constituintes” (HARDT;NEGRI, 2005, pg. 80); fazendo com que possamos produzir novas maneiras e espaços de existir e nos relacionarmos com o outro. Em se tratando especialmente do interesse dessa pesquisa, criando novos espaços de (auto) formação comum. Nos interessa discutir a autoformação no contexto do Império, da Multidão, do Trabalho Imaterial e do Capitalismo Cognitivo, tendo como pano de fundo, e recorte histórico, as jornadas de 2013. Neste ponto convém dizer que a pesquisa se ocupará de entender a configuração de outros espaços formativos além da máquina disciplinar que é a escola, pois “nossa análise deve concentrar sua atenção na dimensão produtiva do biopoder” (HARDT;NEGRI, 2005, pg. 46).

Para nos ajudar a traçar o mapa da autoformação no contexto das jornadas de junho, buscaremos auxílio nas contribuições de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guatarri, Antonio Negri, Michael Hardt e Giuseppe Cocco, entre outros. A abordagem da cartografia também nos oferecerá aporte teórico-metodológico imprescindível ao estudo.

No primeiro capítulo trataremos a pesquisa bibliográfica apresentando os principais conceitos da nossa pesquisa, esboçando o contexto histórico, social, filosófico e político que possibilitou as jornadas de 2013 no Brasil. Para isso, buscaremos discutir a sociedade sob a luz dos estudos de Foucault, Deleuze e Negri, partindo da sociedade disciplinar até o Império. Nessa primeira parte nos ocuparemos, também, de apontar os percursos do par formação/educação nesses contextos sócio-históricos.

No segundo capítulo desse trabalho, discutiremos o caminho traçado pela pesquisa, e também o papel da internet na mesma. Além disso, justificaremos as escolhas metodológicas deste trabalho e a escolha da cartografia. Esse método se mostrou interessante, já que não é preso a regras estáticas, e sim, fruto de um movimento atencional. Dialoga com a nossa pesquisa, uma vez que se pauta na experiência e na busca de pistas e de signos do processo em curso, sempre atento aos efeitos sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento.

Em seguida, nos debruçaremos sobre a discussão da autoformação por meio da análise das páginas da AnonymousBrasil e Anonymous Rio. Trataremos ilustrações, gráficos, tabelas e alguns *posts* de usuários e moderadores das referidas páginas que sejam pertinentes.

NÃO CABE TEMER OU ESPERAR, MAS BUSCAR NOVAS ARMAS³ – DA DISCIPLINA À POTÊNCIA DA MULTIDÃO

Este capítulo trará pressupostos teóricos e conceitos fundamentais para compreensão do contexto em que a pesquisa se insere. Traremos, aqui e ali, um diálogo entre a dupla educação/formação com as diferentes categorias de análise da sociedade proposta pelos autores-chave dessa pesquisa: Foucault, Hardt&Negri e Deleuze. Mesmo que todos tenham sido/sejam professores, seus estudos se ocuparam em refletir a sociedade como um todo. No entanto, uma desterritorialização de tais estudos para territorializá-los na Educação, pois entendemos que esse diálogo é produtivo, haja visto a pertinência dos temas abordados por eles para o campo educacional. Sílvia Gallo, na introdução de um capítulo do livro *Deleuze&Educação*, faz uma ótima colocação sobre a relevância da pesquisa deleuzeana para esse campo. Acreditamos que isto possa ser espreitado para o nosso texto.

Penso que essa atividade possa ser bastante interessante e produtiva (em sentido deleuzeano), na medida em que esses conceitos passam a ser dispositivos, agenciamentos, intercessores para pensar os problemas educacionais, dispositivos para produzir diferenças e diferenciações no plano educacional, não como novos modismos (...), o anúncio de novas verdades, que sempre nos paralisam, mas como abertura de possibilidades, incitação, incentivo à criação. (GALLO, 2008, p.54)

Com isso em mente, uma dimensão que merece atenção especial para que possamos prosseguir é o entendimento do que é o poder. Nós compartilhamos do conceito foucaultiano acerca do tema retomado por Hardt&Negri nos seus estudos. Assim sendo, propomos pensar o poder como algo constituído pelo discurso, “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2010, p. 103.). Isso significa que o poder permeia todo tecido social, mediando todas as relações. O poder não é a priori a sua definição, e não é algo imposto de cima para baixo. Além disso, essa perspectiva nos propõe que deixemos de lado a visão de poder atribuído a um soberano (rei ou Estado), e encaremos o mesmo como algo fugidio e imanente, que está em todos e em cada um, afinal, todas as relações são relações de poder.

Como falado anteriormente, essa pesquisa se interessará, também, pela dimensão produtiva do poder, pois, se o poder “apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos” (FOUCAULT, 2010, p.148).

³ (DELEUZE, 2013, p. 224)

Assim, em vez de coisas, o poder é um conjunto de relações; em vez de derivar de uma superioridade, o poder produz a assimetria; em vez de se exercer de forma intermitente, ele se exerce permanentemente; em vez de agir de cima para baixo, submetendo, ele se irradia de baixo para cima, sustentando as instâncias de autoridade; em vez de esmagar e confiscar, ele incentiva e faz produzir. (FOUCAULT, 2010, p. 109)

Conceitos que nos são caros, como os conceitos de sociedade disciplinar (Michel Foucault), sociedade de controle (Gilles Deleuze), Império (Michael Hardt e Antonio Negri), Multidão (*ibidem*) e produção de subjetividades (todos), têm pé firme nessa concepção de poder.

1.1- Os modelos de sociedade

Foucault ampliou a concepção de poder dissertando sobre as técnicas usadas para gerenciar as populações. Segundo o filósofo, a primeira técnica de poder foi a da sociedade da soberania, em que a figura de um rei (ou soberano equivalente) decidia sobre a vida ou morte de seus súditos. Nos séculos XVI e XVII, surgiu uma nova técnica totalmente articulada ao nascimento e desenvolvimento do modelo de produção capitalista, o poder disciplinar. O advento do poder disciplinar se deu devido ao fato de que era necessário suprimir, domesticar e docilizar os corpos, deixando-os adequados. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2004, p.118). Cabe salientar que o aprimoramento das técnicas de poder não exclui uma técnica anterior, há uma sobreposição de poderes, logo, o poder disciplinar não extinguiu a soberania, pelo contrário, o contato entre ambas aperfeiçoou a disciplina.

Com o intuito de disciplinar/adestrar a população, foram concebidas as instituições de sequestro (escola, prisão, fábrica, hospital...). Com seus muros altos e formato de caixa, essas instituições produziam indivíduos padrão através da ação do poder. Podemos dizer, então, que a disciplina é individualizante e individual, na medida em que trabalha o próprio corpo e é exterior ao sujeito, que por sua vez internalizou o poder disciplinar com o tempo.

O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (FOUCAULT, 2005, p.143).

À padronização somou-se a normatização, instituiu-se um saber sobre o que e quem é normal ou anormal. Paralelamente, foi instaurado um jogo de punições e recompensas aprimorando o adestramento desses corpos.

Há de se considerar também, outro aspecto importante que autoriza as instituições de sequestro e, claro, a escola, esse papel normatizador. A noção de saber-poder está imbricada nesse processo. Para Foucault o poder produz saber, pois ambos estão diretamente ligados. Não há relação de poder sem constituição direta de um campo do saber, assim como não há saber que não suponha ou faça parte de relações de poder. O saber que advém da Modernidade é normativo e usado para a construção do poder disciplinar. Dessa forma, o homem deixa de ser somente objeto do conhecimento e assume também a posição de sujeito do conhecimento.

Se analisarmos o verbo formar, em ambas as transitividades, podemos perceber que há o pressuposto da existência de algo desfigurado, sem contornos aparentes, e que precisaria de uma intervenção externa para ganhar forma. Mais que isso, há também a existência implícita de um molde pré-definido em que esse ser disforme deveria ser formatado. O termo, já em sua origem, sugere um mecanismo de dominação, uma vez que invoca uma tensão entre aquele que é formado e o disforme. Trazendo a discussão para o campo educacional, entre aquele que é escolarizado e o que não o é.

Desde promulgadas as leis de obrigatoriedade escolar nos países centrais da Europa, por volta dos séculos XVIII e XIX, a escola assumiu um caráter disciplinar na medida em que pretendia governar o corpo e as almas das crianças. A própria formação do espaço escolar, remete a um ideal de controle. Assemelha-se a uma prisão e se tornou o ambiente ideal para a produção de um indivíduo “formatado”. Nesse contexto, a escola apresentou o Estado como agente educador que capturava e governava os pequenos, repartindo-os em normais e anormais, e se tornou, por excelência, um lugar de “controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados” (idem, p.154). Dessa forma, na escola, a disciplina e a docilidade são devidamente recompensadas ou punidas.

Segundo Priscila Cruz e Silvane Freitas (2011) em um estudo sobre o poder disciplinar no ambiente escolar, esse modelo disciplinar da educação busca o adestramento do corpo discente, não se importando mais em punir tão somente, e sim, punir para ensinar. Muros, salas, o saber (divido em séries e níveis a serem passados), aulas (que são divididas em um período de tempo), carteiras, diários de frequência, etc., permitiram a escola se tornar uma “máquina de ensinar”, de acordo com as autoras.

A escola, como as demais instituições disciplinares, produz poder, sendo pela vigilância que esse poder passa a se organizar em multiplicidade, de forma automática e anônima, atuando diretamente na vida dos que nela estão inseridos, fazendo funcionar assim, uma rede de relações. (CRUZ, FREITAS, 2011, p. 44)

No entanto, com o tempo, o poder disciplinar foi sendo internalizado até atingir o nível genético (FOUCAULT, 2005), as regras não precisavam mais ser ensinadas, pois o poder se aperfeiçoara até atingir toda a vida. Com isso, nas palavras de Gilles Deleuze, a sociedade de controle se sobrepôs a anterior. O marco histórico da passagem da disciplina para o controle foi a Revolução de maio de 1968 na França, que foi fruto da crise das instituições disciplinares e do trabalho em si, segundo Deleuze, esse marco foi “a irrupção de um devir em estado puro” (DELEUZE, 2013, p. 215)

Essa nova técnica de poder se esparrama por todo o tecido social agenciando cada momento da vida, intermitentemente. Segundo Deleuze, as sociedades de controle “funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (DELEUZE, 2013, p. 220). Fugimos do molde fabril disciplinar, no qual o sujeito era fabricado, e fomos apresentados ao controle por modulação, com linhas flexíveis e linhas duras, especializadas na captura da vida, e dificilmente detectáveis àqueles que se deixam capturar. Segundo Deleuze “o homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo” (DELEUZE, 1992, p. 223). E ainda, “O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (DELEUZE, 2013, p. 228). Estamos constantemente em dívida com nós mesmos, com nosso passado, e com nosso futuro.

Como exemplo, podemos usar a situação da escola. Se antes ela era o provedor da educação, hoje vemos uma separação de ambas, escola e educação, devido à circulação e participação de outros veículos no processo de aprendizagem. A sociedade como um todo e os sujeitos nela inseridos tendem a parecer cada vez mais autônomos, ainda que essa suposta autonomia esconda um regime mais opressor que o anterior. Investe-se no controle ao ar livre, em detrimento do controle da população em um espaço confinado.

Dentro disso, o biopoder emerge. Enquanto o poder disciplinar se preocupava e ocupava em agir sobre os corpos, adequando-os ao modelo de produção, o biopoder age sobre a vida de forma calculista, buscando aperfeiçoá-la. Isso se dá principalmente por meio da produção do conhecimento, que visa melhor controlá-la.

Essas nuances afetaram a escola, e talvez possam explicar muitas medidas tomadas no campo educacional nas últimas duas décadas. Silvio Gallo em *Deleuze & Educação* (2008) destaca algumas delas:

As reformas propostas pelos governos estaduais e pelo federal não são movidas apenas por um desejo e uma necessidade de uma educação de qualidade; ou dito de outra maneira, o paradigma de qualidade assumido por eles é o da qualidade total, este totem do neoliberalismo que insiste em instaurar uma nova ordem mundial, sob seu absoluto e transparente controle. É assim que se propõe a avaliação contínua, a formação permanente, a parceria com as empresas e esses mecanismos para melhorar a qualificação do operariado brasileiro, a diminuição dos índices de reprovação e evasão escolar. (GALLO, 2008, p. 90)

Buscamos o *currículo sem fim*⁴.

Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional – um outro meio fechado –, mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo de um operário-aluno ou o executivo-universitário.(...) Num regime de controle nunca se termina nada. (DELEUZE, 2008, p. 220)

Michael Hardt e Antonio Negri, partem das pistas deixadas por Foucault e Deleuze para desenvolver seus estudos sobre a sociedade contemporânea em seus três livros co-escritos, *Império* (2001), *Multidão* (2005) e *Commonwealth* (ainda não publicado em português). A nós, interessa os dois primeiros para a próxima parte.

1.2- O Império e a Multidão

Em Negri e Hardt (2004), ao longo do século XX, o sistema capitalista vivencia uma crise de soberania, em que os modos de produção imperialista, com base em um centro territorial de poder (no século XIX, a Inglaterra, e no século XX os Estados Unidos), dá lugar ao Império, cujo poder e a soberania são desterritorializados. Para os autores, Império não é uma metáfora e não guarda semelhanças com os grandes impérios da antiguidade, pois:

O Império administra entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras.(...) Na pós-modernização da economia global, a produção de riqueza tende cada vez mais ao que chamaremos de produção biopolítica, a produção da própria vida social, na qual o econômico, o político e o cultural cada vez mais se sobrepõem e se completam um ao outro. (HARDT;NEGRI, 2004, p. 133)

Cabe salientar que para eles a sobreposição dos poderes é reacionária, uma vez que essa passagem – da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, e ambas desembocando no Império – se trata de uma resposta do modelo capitalista às demandas dos

⁴ “Currículo-sem-fim é o termo pelo qual buscamos sintetizar, de maneira problematizada, a noção de uma formação permanente, contínua, ‘adequada’, ao que parece, às novas configurações e expectativas conferidas hoje ao estatuto do conhecimento” (In FRANCO e LEAL, p.1, 2011).

movimentos dos trabalhadores, estudantes, etc. Além disso, tais mudanças são gestadas na crise.

O jovem que recusava a repetição mortal da sociedade-fábrica inventou novas formas de mobilidade e flexibilidade, novos estilos de vida. Movimentos estudantis forçaram a atribuição de um alto valor social ao saber e ao trabalho intelectual. Movimentos feministas que expuseram o conteúdo político das relações “pessoais” e disseram não à disciplina patriarcal elevaram o valor social do que tradicionalmente era considerado trabalho de mulher, que envolve alto conteúdo de trabalho afetivo e diligente e baseia-se em serviços necessários à reprodução social. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 295)

“O sistema dá a mão para não perder o braço”⁵, a partir dessa ideia, pode-se explicar as melhorias salariais na década de 1960 e 1970, principalmente nas fábricas e como resposta às greves dos trabalhadores. Além de buscar que os trabalhadores voltassem às suas atividades, esses aumentos que evitavam que os mesmos fossem seduzidos pelo comunismo. Podemos citar também a revolução eletrônica e robótica que, embora tenha escasseado os postos de trabalho na fábrica, reduziu o labor pesado ao qual o trabalhador era sujeito. Esse último ajuda a compreender a fábrica social na qual se concentra o modelo de produção imperial, se antes gente fazia coisas, hoje máquinas fazem coisas e gente produz gente, pois o que tem que ser produzido é o desejo e o afeto de quem ocupa a sociedade. Produzimos subjetividades.

Essa nova organização dos modos de produção opera com a circulação de fluxos, de pessoas, de capital, de informação... Formando um capital em rede, no qual, nem tudo circula da mesma forma para todos, e deixa de lado o modelo de produção fabril para adotar o capitalismo cognitivo.

Falar de capitalismo cognitivo não significa dizer que não há mais chão-de-fábrica, mas apontar para o fato que o processo de valorização desse depende dos elementos cognitivos (imateriais) do trabalho e, pois, por um dispositivo de exploração que investe a vida do trabalhador em seu conjunto e não mais pela sua “partição” entre tempo de trabalho e tempo livre. (COCCO, VILARIN, 2009, p. 149)

Dessa forma, o capitalista cognitivo não investe mais em produtos, mas em conhecimento, que só se produz cooperativamente e que transforma a essência do trabalho. Pode-se dizer que o trabalhador do Império desempenha um trabalho imaterial⁶, na medida em que são as ideias, afetos e emoções que são postas para trabalhar. Esse também é um

⁵ Fala do personagem Capitão Nascimento no Filme Tropa de Elite 2 – o inimigo agora é outro, que dialoga, de alguma forma, com a teoria do Movimento Operaísta italiano. Se tomarmos como exemplo um processo de luta do proletário por melhoras salariais, a volta ao trabalho após a conquista representa a submissão ao capital, pois, de acordo com os filósofos operaístas (Negri entre eles), o proletário deve lutar por sua autonomia, para ser dono de seu próprio trabalho.

⁶ Trabalho imaterial é aquele que é “pré-construído por uma força de trabalho social e autônoma, capaz de organizar o próprio trabalho” (LAZZARATO; NEGRI, 2012: 26)

regime de trabalho que embaça cada vez mais a linha que antes separava casa e ambiente de trabalho, ocupando toda a vida. Há um outro aspecto problemático desse tipo de trabalho, que é a precarização trazida pela flexibilidade, devido a uma tendência global de estipular contratos cada vez mais curtos e menos estáveis de trabalho. Segundo Hardt&Negri:

A cena contemporânea do trabalho e da produção, como explicaremos, está sendo transformada sob a hegemonia do trabalho imaterial, ou seja, trabalho que produz produtos imateriais, como a informação, o conhecimento, idéias, imagens, relacionamentos e afetos. Isto não significa que não exista mais uma classe operária industrial trabalhando em máquinas com suas mãos calejadas ou que não existam mais trabalhadores agrícolas cultivando o solo. Não quer dizer nem mesmo que tenha diminuído em caráter global a quantidade desses trabalhadores. Na realidade, os trabalhadores envolvidos basicamente na produção imaterial constituem uma pequena minoria do conjunto global. O que isto significa, na verdade, é que as qualidades e as características da produção imaterial tendem hoje a transformar as outras formas de trabalho e mesmo a sociedade como um todo. (HARDT;NEGRI, 2005, p. 100-101).

Nos deparamos, assim, com uma cultura democrática derrisória, em que “a miséria e a marginalização são, portanto, não apenas mantidas, mas recriadas” (NEGRI, 2003, p.41). Aqueles que outrora eram chamados de marginalizados, hoje poderiam ser os “desplugados” (PELBART, 2013), por não obter o mesmo, ou qualquer, acesso à rede e seus fluxos.

Pensar a educação dentro desse contexto é uma tarefa árdua. Existem pouquíssimas empreitadas nesse sentido em língua portuguesa. Até mesmo em outras línguas, exceto em italiano, poucos estudiosos enveredaram por esse percurso. Cabe, então, indagar: será possível fazer esse diálogo? Penso que sim.

Se pensarmos na escola, podemos perceber que ela é encarada cada vez mais dentro de uma perspectiva empresarial, na qual a comunicação e a informação são colocadas em destaque, em detrimento da formação. O Banco Mundial (!) tem mostrado um grande interesse na área educacional, estipulando metas e diretrizes que devem ser seguidas pelas nações signatárias dos pactos pela educação. Políticas como a do currículo mínimo, a “otimização” de gastos da máquina pública na educação (como, por exemplo, aumentar o número de alunos por professor, de alunos por escola...) e etc., evidenciam o caráter transnacional do período em que vivemos.

Se pensarmos no professor, percebemos que ela/ela é o trabalhador imaterial por excelência. Trabalhamos diretamente com a produção de subjetividades, investindo na formação de seres capazes de tomar decisões e que busquem o aperfeiçoamento *ad eternum*. Mais que isso, somos nós mesmos empurrados para esta ciranda de novos cursos, novas pós-graduações, mestrados (acadêmicos ou profissionais, sendo que o último refletindo fortemente o interesse imperial) , doutorados... Alimentando a fábrica do imaterial em que se tornou as

instituições de ensino, que por sua vez são controladas e analisadas de perto pelos governos e agências de fomento.

A resposta a esse cenário perturbador que se coloca diante de nós parece estar na Multidão e seu caráter intrinsecamente produtivo. Para Hardt&Negri (2005) Multidão é o nome de uma imanência. Não se trata de um amontoado desorganizado de corpos, mas de uma multiplicidade de singularidades, de uma potência que advém da cooperação. É importante enfatizar que esse conceito não homogeneíza os sujeitos, pelo contrário, reforça seu caráter heterogêneo, o que os une é o comum⁷.

É nesse conceito que grande parte desse trabalho se apoiará, pois é nele que se apoia a possibilidade da autoformação, que deve ser entendida como formação livre e em fluxo.

1.3- Manifestações de 2013 – um breve histórico

Conforme escrito na introdução dessa dissertação, o recorte temporal em que nos debruçaremos é o período de junho de 2013 a outubro do mesmo ano. Período em que ocorreram as primeiras grandes manifestações do novo século no Brasil. Antes de prosseguir, recomendamos fortemente a leitura do Anexo 1 desse trabalho, que por conta de regras (!) de formatação e catalogagem de trabalhos acadêmicos não pôde ser trazido para o corpo do texto. Neste texto em anexo, há uma transição de um trecho do vídeo “De quem é a ordem? – Rio, 20/06/2013”⁸ (VOCABULÁRIO, 2014), o qual também recomendamos, e que pode ser considerado um relato fiel daquele e de qualquer outro protesto daquele período.

Dois dos maiores desafios que o ano de 2013 trouxe e continua(rá) trazendo para os estudiosos do período é a complexidade e pluralidade dos acontecimentos daquele ano. Ainda agora, em 2015, dois anos após debate-se os efeitos daqueles eventos na vida política do país. O resultado apertado das eleições presidenciais em 2014, uma visível – e retrógrada – guinada fundamentalista no congresso nacional, e a realização de novas manifestações no ano de 2015

⁷ o conceito de comum como estrutura, ou se você quiser, como eixo estrutural da multidão, na medida em que ela é constituída por singularidades, por um conjunto de singularidades trabalhando. O conceito de comum não é, portanto, em caso algum, um conceito de organismo, conceito pensado como estrutura orgânica; é, ao contrário, resultante de uma série de atividades singulares que, de fato, se desenvolvem a partir da consistência subjetiva dos agentes. (NEGRI, Entrevista. O comum dos afetos à construção de instituições)

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=A87MctF-f-M>

(que será retomada nas considerações finais) podem ser creditadas, criticamente, claro, a tais eventos.

As dificuldades de análise passam pela suposta falta de instrumentos adequados para fazê-la. De fato, se pensarmos as jornadas de 2013, sobretudo as de junho/julho com os olhos de parte dos interessados, por exemplo, que se tratou mais de uma festa do que de um acontecimento político, ou de que foi um período de indignação acrítica. No entanto, propomos, de acordo com o aporte teórico trazido por essa pesquisa, que se deixe de lado toda e qualquer análise que busque totalizar/categorizar/estruturar o ocorrido nesses eventos. A Multidão que foi às ruas não deve ser entendida como massa, mas como sujeitos. Afinal, é necessário pensar a política não “como o espaço inacessível do poder, mas a política a partir de nossas vidas **individuais** e nossas **coletividades**, em direção a uma **política do comum**” (VOCABULÁRIO, 2014, p. 7) (grifo nosso).

Para dialogar conosco, trazemos mais um relato político-artístico que nos ajuda a entender o momento:

Em junho, as ruas do Rio de Janeiro tinham de tudo: jovens protestando pela primeira vez, motivados por participar de um evento coletivo de rua que não era carnaval nem futebol. Alunos de escola pública e particulares em franco processo de politização, para um lado que ainda não sabemos qual (talvez os do Pedro II para a esquerda e os do Santo Inácio para a direita, mas não necessariamente). Movimentos organizados que já estão aí há séculos: negros, sem-terra, sem-teto... infiltrados de direita, skinhead filhos da puta que quiseram seqüestrar o ato atacando os grupos acima. Partidos de esquerda PSTU, PSOL, PCO identificados como partido tout court, e para a infelicidade deles também ao PT. Infiltrados de direita, talvez para militares, enfim babacas que deram porrada em quem era de partido. Militantes do PT e da CUT que acharam corretamente que deveriam participar das manifestações, afinal algumas das pautas são históricas destes movimentos. Pessoas, simplesmente pessoas, insatisfeitas com as concessões do governo e dos “políticos”, que não distinguiam entre um governo e outro, um político e outro e apoiavam os atos contra os partidos. Pessoas, simplesmente pessoas, que estão de saco cheio de ver o dinheiro jorrando para os estádios e eikes e de não ver contra-partida à altura em suas condições de vida e de trabalho (ex. trabalhadores da saúde). Pessoas, mais para jovens muito jovens, que são contra a corrupção, não viram o que havia antes e compram parcialmente o discurso da mídia que cola a corrupção ao PT. Militantes que já foram muito petistas, como eu, putos com as concessões do governo aos ruralistas, contra os índios, aos evangélicos, aos felicianos etc. Gays e simpatizantes super bem-humorados contra a absurda cura gay. Militantes de esquerda, mais velhos, que já foram para rua inúmeras vezes lutar contra a corrupção, quando o PT era oposição, em uma luta que não era considerada vazia nem sem projeto. Muitos gritos contra a rede Globo, de esquerda e não. Pessoas, simplesmente pessoas, que estão putas. Ah! E os tais “vândalos”... Radicais de direita ou esquerda? Saqueadores? Ou jovens que já sofreram muito nas mãos da polícia e que queriam dar o troco? Jovens empoderados por uma nova ocasião política de se expressar e pertencer a algum movimento coletivo? (VOCABULÁRIO, 2014, p.50)

O relato citado dá conta da pluralidade da qual falamos, e do período em que mais pessoas foram vistas saindo às ruas, em junho de 2013. No entanto, essas manifestações não tomaram completamente as ruas de um dia para o outro. Para entender o porquê de mais um

aumento na passagem importar, dentre os vários que acontecem ano a ano, é preciso voltar um pouco mais. Segundo Cocco&Negri (2005) data de 1999, em Seattle⁹, a primeira experiência da Multidão nas ruas, e o que diferiu essas manifestações das demais é o fato de que a multiplicidade dos sujeitos envolvidos se contrapôs a unidade que se via até então. Ou seja, essa foi a primeira vez em que uma Multidão foi às ruas sem que houvesse uma homogeneidade de pautas e/ou sujeitos, e onde os movimentos sociais organizados eram apenas mais um no oceano de subjetividades. A tônica aqui é que essa variedade incontrolável é fruto da crise da representação e do Estado e que surge como uma maneira de propor “uma inovação democrática radicalmente fundada nas dimensões constitutivas de desejo e de liberdade coletiva” (COCCO; NEGRI, 2005, p. 54). Desde então, diversos movimentos aconteceram ao redor do mundo com essas mesmas características, como na Argentina em dezembro de 2001¹⁰, a primavera Árabe em dezembro de 2010¹¹, e o maio de 2011 na Espanha¹², para citar apenas os de maior repercussão.

Em se tratando do Brasil em 2013, para entender o fluxo de eventos que desembocou diretamente no maior protesto do período, aproximadamente um milhão de pessoas no Rio de Janeiro, acreditamos que o ideal é seguir a trilha dos 20 centavos. Como falado anteriormente, a onda de manifestações começou com o aumento da passagem de ônibus em diversas

⁹ Manifestações que ficaram conhecidas como “A Batalha de Seattle” que ocorreram no dia 30 de novembro de 1999 em oposição ao encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC). Entre 40 e 100 mil pessoas – entre ecologistas, trabalhadores sindicalizados, movimentos anarquistas, estudantes, e etc., participaram das manifestações cujas pautas eram bastantante diversificadas. In: http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed64/ . Acessado em: 10 de junho.

¹⁰ “as manifestações insurrecionais de 19 e 20 de dezembro de 2001 não somente derrubaram dois governos, mas sobretudo abriram um formidável período de experimentação e inovação social, econômica e política. O fechamento de ruas pelos piqueteros, os cacerolazos das camadas médias urbanas, o assédio sistemático aos bancos por parte dos poupadores, as assembléias de bairro e interbairros, a autogestão das fábricas falidas e as redes de economia solidária constituíram uma nova configuração do trabalho e da política, mais além do Estado e do mercado.” (COCCO; NEGRI, 2005, p. 58)

¹¹ A primeira em que as redes sociais desempenharam um papel central na organização e propagação do movimento. A primavera (embora fosse inverno) teve início após o jovem tunísio Mohamed Bouazizi atear fogo ao próprio corpo como forma de protesto às duras condições de vida na Tunísia. Dez dias após esse triste episódio, a onda de protestos que tomou o país fez com que o presidente da Tunísia fugisse, e desencadeasse manifestações em boa parte do Oriente Médio e Norte da África; derrubando dois governos no Egito e causando uma guerra civil na Líbia e na Síria, além de outros vários protestos em outros países. Embora a derrubada dos ditadores Zine El Abidine Ben Ali da Tunísia e Hosni Mubarak do Egito tenham sido a grande pauta que unificou os movimentos de cada país, a primavera Árabe ficou marcada por unir grupos religiosos distintos pela primeira vez, além de trazer várias outras propostas para a discussão.

¹² Conhecido por *Monimientto 15M*. Mais um em que a internet exerceu um papel central, principalmente por meio do *¡Democracia Real Ya!*, uma plataforma digital que organizou e convocou os protestos. O movimento aconteceu para contestar as estruturas políticas espanhola, que gira em torno de dois partidos que se revezam no poder e propor uma democracia mais direta. In: <http://www.democraciarealya.es/manifiesto-comun/manifiesto-english/>

capitais. A primeira capital a convocar protestos contra a tarifa foi Natal – RN, no dia 16 de maio, seguido por Goiânia (21 e 28 de maio) e no dia 03 de junho nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Ao chegar às duas maiores cidades do país, os protestos ganharam visibilidade na mídia, nesse primeiro momento devido aos transtornos no tráfego. (REVISTA FÓRUM 124, 2013)

Após novas manifestações paulistas nos dias 07, o divisor de águas e o grande gatilho para o aumento do número de pessoas nas ruas foram os episódios ocorridos nos dias 11 e 13 de junho também em São Paulo. Nesses dias a truculência da Polícia Militar do Estado chamou atenção. No dia 11 o protesto reuniu cerca de 5 mil pessoas (números oficiais) e após a PM não permitir que os manifestantes fizessem o trajeto combinado, houve confronto¹³ em que várias pessoas ficaram feridas e 20 manifestantes foram detidos. Diversos vídeos foram gravados e postados *online* em tempo real por grupos de mídia independentes e rapidamente viralizaram. Embora a grande mídia tentasse colocar a culpa da violência nos manifestantes, vários vídeos, sem corte, mostravam a violência gratuita e o despreparo dos policiais, o que impulsionou o crescimento das manifestações. No dia 13, com pelo menos três vezes mais manifestantes nas ruas, a represália policial foi ainda maior. Duzentos militantes foram presos¹⁴, dezenas de pessoas ficaram feridas, inclusive sete repórteres que foram atingidos por bala de borracha, um ficando cego em decorrência do ferimento.

Em seguida a esses acontecimentos, as manifestações atingiram seu ápice, com destaque para as manifestações dos 100 mil no Rio de Janeiro em 15 de junho, Brasília com 25 mil pessoas no dia 19 de junho e mais de 500 mil novamente no Rio de Janeiro no 20 de junho. Nas ruas do Brasil, assim como nas ruas de Seattle, Buenos Aires, Madrid e etc., vimos sujeitos trazendo suas diferentes demandas, cartazes e bandeiras, mas ainda assim formando um todo, vimos também o estranhamento e crítica ferrenha causados por tamanha diversidade.

Segundo Hardt&Negri:

Toda vez que um movimento de protesto em massa explode no cenário social ou se manifesta uma frente organizada do sistema global, a primeira pergunta feita pelos meios de comunicação e os observadores favoravelmente predispostos é sempre a mesma: o que vocês querem? [...] mas às vezes estabelecer essas listas de exigências

¹³ O **confronto** passa a ser um tema recorrente nos noticiários e redes sociais a partir desse dia. Além disso, os motivos que originaram os diversos confrontos do período também é um tema de grande discussão. De um lado, policiais alegavam que manifestantes black blocks começavam as brigas; do outro, os manifestantes acusavam os PMs, fardados ou “p2” (policiais à paisana) de inicia-los. Como postura política, não defendemos aqui a violência como um caminho para a mudança, no entanto, acreditamos que não pode ser considerado confronto o embate entre manifestantes desarmados, ou uma minoria com paus e pedras, e policiais fortemente aparelhados pelo poder público. O que vimos nas ruas, sobretudo em outubro de 2013, pode ser considerado simbolicamente um massacre.

¹⁴ A polícia prendeu várias pessoas por portarem vinagre, inclusive 2 jornalistas da Carta Capital.

pode ser uma armadilha. Pode acontecer de a atenção centrada em algumas poucas mudanças limitadas obscurecer o fato de que o necessário é uma transformação muito mais geral da sociedade e das estruturas de poder. Isto não significa que devemos nos recusar a propor, avaliar e aplicar nossas reivindicações concretas, quer dizer, isto sim, que não devemos para por aí. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 366)

Sendo assim, tamanha pluralidade serviu para demonstrar que necessitamos de mudanças profundas e não apenas os arremedos de mudança habituais. Nesse ponto, introduzimos a outra ponta dos protestos em 2013, o mês de outubro e a luta pela educação.

Com cartazes de “queremos educação padrão FIFA”, “um professor vale mais que Neymar”, “da copa eu abro mão, quero é investimento em saúde e educação”, entre outros, a Multidão novamente tomou as ruas do Rio de Janeiro, e engrossou as fileiras dos professores da rede pública do Estado. Embora a luta dos professores, no seu dia a dia ou por meio de greves e manifestações, seja algo comum, a greve de 2013 foi inflada pelo clima de indignação geral e pela postura crítica em relação a mídia *mainstream* brasileira¹⁵. Da mesma forma que nas manifestações de junho, a violência policial foi a tônica. Em uma manifestação no dia 7 de outubro em frente a Câmara dos Vereadores no centro da cidade do Rio de Janeiro, a polícia interviu de maneira violenta atirando bombas de fumaça e balas de borracha contra os manifestantes, em sua grande maioria, professores e alunos da rede pública municipal. Esse episódio fez com que o evento marcado pelo Facebook para o dia 15 de outubro, dias dos professores, ganhasse ainda mais notoriedade e se tornasse uma das maiores manifestações do ano no Brasil.

Ao contrário do movimento de junho, a pauta em outubro era menos ampla, uma vez que a principal reivindicação era um maior investimento em educação. Contudo, a pluralidade característica da Multidão se fez presente nos sujeitos que foram às ruas nesses dias. Onde normalmente encontravam-se apenas professores organizados em sindicatos e movimentos políticos, haviam outros professores que normalmente se ausentavam desses espaços, alunos (Black Blocks ou não), pais preocupados com a educação de seus filhos, e outras pessoas

¹⁵ Se compararmos os protestos de 2013 e de 2015, várias diferenças saltam aos olhos. Uma das mais importantes é a relação entre a grande mídia brasileira (a rede Globo principalmente) e o protesto/manifestantes. No primeiro manifestantes eram taxados de vândalos, no segundo foram chamados de brasileiros revoltados com a corrupção que assola o país; em 2013 o discurso sobre os sentidos do movimento passava pela suposta ausência de propostas, a ação dos Black Blocks e o aparente descontentamento vazio dos revoltosos, já em 2015, falou-se de uma indignação patriótica do brasileiro médio diante dos escândalos da Petrobras, trazidos pela operação Lava Jato, e da festa da democracia brasileira. Após as críticas sofridas pelas coberturas parciais e a favor versões oficiais ao longo de 2013 (ver http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_virada_na_cobertura), a mídia tradicional brasileira se reorganizou e passou a disputar os sentidos dos movimentos de rua e, aparentemente, virou o jogo ao seu favor. Contudo, devemos sempre lembrar das concepções sobre poder de Foucault, Deleuze e Negri, o poder é fugidio e não é exercido unilateralmente. Mesmo que enquanto essa dissertação está sendo escrita pareça que retornamos ao marasmo habitual, ou que até mesmo retrocedemos após as eleições de 2014, a soberania imperial e sua forma de exploração está em constante confronto com a potência da Multidão.

interessadas no assunto. Isso se deve ao fato de que “na medida em que a multidão não é uma identidade (como o povo) nem é uniforme (como as massas), suas diferenças internas devem descobrir o *comum* [*the common*] que lhe permite comunicar-se e agir em conjunto” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 14) (grifo do autor). O comum aqui é “menos descoberto do que produzido” (idem), ou seja, a própria multidão produz as suas reivindicações em movimento e em contato com as múltiplas subjetividades que nela estão inseridos.

Nos quatro meses que separaram as maiores manifestações do ano, a Polícia Militar, o Ministério Público do Rio de Janeiro e os governos estaduais e municipais, conseguiram aprovar uma série de medidas que criminalizavam o movimento de rua. O uso de máscaras em manifestações que passou a ser punido pela lei 6.528, e o manifestante que fosse preso ainda poderia ser acusado de formação de quadrilha (!). O caso mais célebre foi o do morador de rua, Rafael Braga, que foi preso e condenado por portar material inflamável, quando na verdade estava com uma garrafa de desinfetante e outra de cloro em sua posse. Além dele, outras vinte e três pessoas respondem a processo acusadas de violência nas manifestações, dentre eles uma professora do departamento de Filosofia da UERJ, Camila Jourdan. Dessas 23 pessoas que respondem a processo, um está preso, o estudante Igor Mendes, e duas estão foragidas, mas com mandato de prisão expedido, as ativistas Elisa Quadros (sininho) e Karlayne Moraes (moa). Os 23, como ficaram conhecidos, são considerados os primeiros casos de perseguição política pós-ditadura.

2- PERCURSOS METODOLÓGICOS

Após enveredarmos por outros caminhos metodológicos – em um primeiro momento utilizaríamos a Análise de Discurso francesa; a escolha da metodologia mais adequada perpassou algumas reflexões. A primeira foi encarar o objeto como uma atitude política, e, portanto, imbuído de intenções e visões de mundo. Afinal, segundo Foucault (2005), o ser humano se expressa mediante a incorporação de discursos sociais já instituídos, e seu discurso é fruto do entrelaçamento do linguístico com o social, ambos determinados historicamente. Nesse processo de escolha, também levamos em consideração propriedades importantes do próprio objeto a ser estudado. Por se tratar de algo profundamente relacional, uma vez que estamos pesquisando com/no outro, não poderíamos encarar a pesquisa (tanto o campo, quanto o objeto) como algo imutável, e sim, como um processo em constante disputa e deslocamento. Dessa forma, a metodologia que se alinhou melhor aos objetivos foi a cartografia. A cartografia que nos propomos a fazer nesse trabalho, se ocupará, principalmente, em mapear os **rastros**, “a constituição de um saber e um método interpretativo que toma o rastro, o resíduo, o negligenciável, como índice e via mestra para realidades complexas ou profundas” (BRUNO, 2012, p. 2).

Aliado ao método de pesquisa escolhido, tivemos uma potente ferramenta tecnológica que nos ajudou a levantar os dados das páginas do Facebook que foram investigadas, o pagedatapro.com. Essa página da *web* é um serviço muito utilizado no campo do *Marketing* que busca e compila dados das páginas do Facebook.

Diante dessas três dimensões envolvidas no nosso trabalho de pesquisa - a cartografia como método, o PageData como ferramenta e o Facebook como campo; nesse capítulo

tentaremos tratar de cada um separadamente, sem perder de vista o outro, uma vez que a potência desse trabalho está no que a imbricação dessas dimensões nos possibilitou. Para tanto, começaremos pelo meio.

2.1- O PageData e seu paradoxo

O PageData é um aplicativo de internet feito pela empresa AppData que monitora várias páginas do Facebook no intuito de ser uma ferramenta de Marketing para empresas que queriam saber o impacto de suas marcas e/ou campanhas publicitárias.

O próprio uso dessa ferramenta nos traz a necessidade de fazer uma discussão que atravessa todo o nosso trabalho de pesquisa. Como brevemente explicado no primeiro capítulo, o Império aperfeioou os mecanismos de controle apresentados e discutidos por Deleuze, e a internet é muito importante nesse panorama biopolítico. Nela temos amostras significativas de biopoder e biopotência, e o PageData, assim como as principais redes sociais, podem servir de metonímia deste processo.

Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells em seu livro *A Galáxia da Internet* (2001), a internet está para os dias de hoje, como a eletricidade estava para a era industrial, uma vez que ambas tem a capacidade de chegar a todos os lugares. Em seu livro, Castells fala sobre o surgimento da cultura da internet, fato de grande importância na nossa pesquisa, que segundo o autor está diretamente ligada a cultura dos criadores da internet e suas éticas. Ele aponta quatro grandes grupos de criadores: as tecnoelites, os *hackers*, as comunidades virtuais e os empresários (op.cit). Para as tecnoelites o principal era o avanço do sistema tecnológico em que estava a Internet, esse avanço foi conduzido por cientistas e acadêmicos de dentro dos centros de pesquisa das universidades, e configurou um dos primeiros meios de interação virtual entre pares da Internet, pois possibilitava que esses sujeitos e instituições trocassem ideias, pesquisas e informações.

Já os *hackers* introduziram a ideia de liberdade à rede, ainda que seus fóruns se assemelhassem ao ambiente colaborativo das tecnoelites, a cultura *hacker* tem pé firme no ativismo e na doação, uma vez que não se baseia em acumular coisas e sim torná-las livres. Segundo um famoso manifesto *hacker* da internet que se encontra em um domínio conjunto (talvez invadido) do Instituto Militar de Engenharia e da Universidade de São Paulo:

Como a maioria das culturas sem economia monetária, a do hacker se baseia em reputação. Você está tentando resolver problemas interessantes, mas quão interessantes eles são, e se suas soluções são realmente boas, é algo que somente

seus iguais ou superiores tecnicamente são normalmente capazes de julgar. Conseqüentemente, quando você joga o jogo do hacker, você aprende a marcar pontos principalmente pelo que outros hackers pensam da sua habilidade (por isso você não é hacker até que outros hackers lhe chamem assim). Esse fato é obscurecido pela imagem solitária que se faz do trabalho do hacker; e também por um tabu hacker-cultural que é contra admitir que o ego ou a aprovação externa estão envolvidas na motivação de alguém. Especificamente, a cultura hacker é o que os antropólogos chamam de cultura de doação. Você ganha status e reputação não por dominar outras pessoas, nem por ser bonito, nem por ter coisas que as pessoas querem, mas sim por doar coisas. Especificamente, por doar seu tempo, sua criatividade, e os resultados de sua habilidade.¹⁶

A cultura *haker* antagoniza a cultura dos empresários que viram na Internet um meio de lucrar, algo que está no outro polo, o da acumulação. Ainda que possa parecer uma motivação torpe, segundo Castells (2001), foram os empresários quem de fato popularizaram a internet, pois a transformaram em um serviço vendido aos usuários e outras empresas, trazendo, em tese, mais investimento para a melhoria da mesma.

Por último temos a cultura das comunidades virtuais. Tão logo nós, os usuários, fomos inseridos na Internet, começamos a nos organizar em grupos. Páginas, fóruns de discussão e comunidades com base na comunicação livre e na formação de redes autônomas.

Embora cada grupo tenha tido interesses diferentes no início da formação da Internet como conhecemos, é sua simbiose que a tornou potente na mesma medida em que a tornou perigosa. Ao longo do tempo a internet se transformou em um dispositivo - para usar o termo foucaultiano - de controle extremamente eficaz. Basta nos colocarmos na *web* para que sejamos instantaneamente localizáveis, como por exemplo ao nos cadastrarmos a um site de relacionamento social, em que o *Google* passa a listar nossos perfis em suas buscas. Esse fator é apontado como um paradoxo da privacidade trazido pela informatização das relações humanas.

Taís Carvalho Silva em um artigo chamado *O espetaculoso mundo do eu* aponta que o paradoxo da privacidade se dá quando há uma violação da privacidade pela vontade da própria vítima. A autora se utiliza de Deleuze para dizer que essa violação não se dá pelo simples desejo de exposição, já que “a celeridade do mundo pós-moderno tem provocado uma frieza, um distanciamento entre as pessoas e, em decorrência disso, vive-se uma carência de relacionamentos e uma permanente necessidade de ‘aparecer’, de ‘ser visto’” (SILVA, 2012, p.7). Ela continua afirmando que tudo isso se trata de uma performance que provém da ideia

¹⁶ acessado em: <https://linux.ime.usp.br/~rcaetano/docs/hacker-howto-pt.html> no dia 15/03/2015. Esse é um trecho de um texto que se intitula “Como se tornar um *Haker*”, traduzido do inglês e com a autoria atribuída a Eric S. Raymond, fato impossível de ser confirmado.

de se criar personagens em busca de aprovação do outro. Concordamos em parte com a autora.

O paradoxo da privacidade perpassa outros elementos que não a vontade do usuário da Internet. Em junho de 2013, período de interesse dessa dissertação por outros motivos, Edward Snowden, um analista da National Security Agency¹⁷ (NSA) vazou dados¹⁸ que provavam que sua agência interceptou, salvou e catalogou dados de milhões de usuários ao redor do mundo. Traçando um diálogo entre a história recente e a teoria trazida por Hardt&Negri em *Império* (2001) o poder “é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro (em sistemas de comunicação, redes de informação etc.)” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 42).

Poucos anos antes desse vazamento, o microblog Twitter e o gigante Facebook, passaram a vender pacotes de dados dos seus usuários para terceiros, no intuito de que esses dados fossem utilizados para traçar um “perfil de consumidor” do usuário. Em outras palavras, aquilo em que se navega na internet, a ordem em que a busca é listada quando feita, a publicidade exibida, dentre outras coisas, são decididas por meio deste perfil. Dessa forma, o paradoxo da privacidade se torna mais complexo a partir do momento em que há esses e outros fatores envolvidos, como o conceito da servidão voluntária¹⁹. O sujeito, ainda que conheça os diversos mecanismos tecnológicos que colocam em xeque a sua privacidade, opta por se sujeitar a eles; e aqueles que sequer conhecem esta discussão também, uma vez que são capturados ao apertar “aceito” abaixo dos Termos de Uso de todos os serviços da web. Em ambos os casos, procuramos evitar estar desplugados (PELBART, 2013), termo que poderia substituir o termo excluídos, já que aqueles não obtém algum, ou qualquer, acesso à rede e seus fluxos, sendo apartados de uma parte importante da nossa cultura.

¹⁷ Agência Nacional de Segurança Americana

¹⁸ É impossível precisar quantos dados foram vazados, mas estima-se que giram em torno de 200 mil, entre documentos, emails e dados de perfis online, segundo o ex-diretor geral da NSA Keith Alexander; algumas estimativas apontam mais de um milhão; que por sua vez representam apenas uma quantidade ínfima do total interceptado. in: <http://www.reuters.com/article/2013/11/14/us-usa-security-nsa-idUSBRE9AD19B20131114>

¹⁹ Conceito presente em um artigo do professor de Psicanálise da UFF Ricardo Salztrager, que debate fenômenos de massa diálogo entre “O discurso da servidão voluntária” de La Boétie e a “Psicologia das massas e análise do eu” de Freud. Neste artigo ele diz que “tudo se passa como se houvesse uma espécie de vício que promove a servidão das pessoas. Este vício, por sua vez, não diz respeito propriamente à covardia, mas a algo ‘que não encontra nome suficientemente indecoroso, que a natureza se nega a conhecer e a língua se recusa a pronunciar’ (La Boétie, 1850/2009, p. 32). Por tal vício, o homem abre mão de seu desejo pela liberdade, como se dela desdenhasse, justamente, por ser algo extremamente fácil de conseguir. E quando se perde a liberdade, toda espécie de mal sobrevém”. (SALZTRAGER, 2011, p.179)

Em meio a esta reflexão, devemos lembrar que a internet, mesmo se considerado como um dispositivo de controle, é também um meio valioso que possibilita a troca direta da Multidão. Segundo Antonio Negri:

Muito se tem dito sobre mídias sociais como Facebook e Twitter, sempre usados nos acampamentos. Esses instrumentos de rede, evidentemente, não criam os movimentos, mas são ferramentas úteis, porque, em vários sentidos, correspondem à estrutura dos experimentos horizontais e democráticos dos próprios movimentos. (NEGRI: 2011)

Essa possibilidade de experimentação democrática, no sentido dessas páginas proporcionarem uma reunião de propostas de vários sujeitos, é um dos pilares da nossa pesquisa. E é aí que entra mais especificamente o PageData.

Como se trata de uma ferramenta de busca de dados em páginas de terceiros, o PageData é um serviço pago que faz o levantamento histórico e em tempo real de perfis de páginas do Facebook. E neste ponto traremos um pouco da história de como chegamos ao aplicativo.

2.1.1- O percurso do mapeamento dos dados

Em um primeiro momento, pensamos em concentrar nosso mapeamento no Twitter, usando o mesmo para buscar os rastros deixados pelos usuários em torno das manifestações no período de 05/06/2013 à 16/10/2013. A ideia era mapear do primeiro protesto convocado pelo Movimento Passe Livre em São Paulo (no dia 06/06/2013) até um dia após a última grande manifestação do ano (no dia 15/10/2013), procurando nos concentrar em duas *hashtags* #vemprarua e o #giganteacordou, analisando *tweets*²⁰ de alguns usuários de perfil *influencial*²¹ que ganharam destaque durante as manifestações, como a Mídia Ninja (que hoje se chama apenas Ninja) e coletivos ligados ao Fora do Eixo. Entretanto, encontramos dois fatores que mudaram um pouco o rumo da nossa pesquisa.

²⁰ Esses e outros vocabulários próprios do Twitter são explicados em: <http://pulsoeletromagnetico.blogspot.com.br/2010/04/twicionario-o-dicionario-do-twitter.html>

²¹ Um perfil *influencial* não quer dizer, necessariamente, um perfil com muitos seguidores, mas um perfil que está alinhado com os seus seguidores. Influência tem a ver com contexto, por exemplo, se aquilo que foi tuitado receber a adesão dos seguidores, a chance dessa mensagem ser replicada é maior. Se tomarmos as manifestações com exemplo, o perfil @cadulorena pertence a um blogueiro político e que portanto, tem na maioria de seus 2070 seguidores pessoas interessadas em política, que por sua vez tem maior chance de replicar uma mensagem sua. O que importa aqui não é o fato deste perfil ter 2070 seguidores (um número considerado pequeno), e sim que através destes 2070 seguidores uma mensagem pode ganhar eco.

A primeira página que acessamos a foi a *topsy.com*, uma ferramenta social (de acordo com o próprio site) de busca por tweets de 2006 até hoje. Utilizamos como filtro de busca a *hashtag* #vemprarua, no recorte temporal de 04 de junho até 17 de outubro. Esse recorte foi escolhido tendo-se como marco inicial o protesto convocado pelo Movimento Passe Livre para o dia 06 de junho, protesto que é apontado como o precursor dos protestos a nível nacional, incluído aí de dois dias 04/06 e 05/06 para tentarmos perceber a movimentação Pré-protestos na *tweetesfera*; e como marco final dois dias após o último grande protesto de 2013, realizado no auge das greves dos professores do Rio de Janeiro, no dia 15 de outubro de 2013. Após conseguirmos os resultados, refinamos a busca por ordem cronológica.

Logo de cara percebemos que os primeiros resultados falavam sobre a campanha publicitária da Fiat em que o vocalista do grupo O Rappa, Falcão, cantava uma música intitulada Vem pra Rua. A primeira vez que a *hashtag* foi utilizada com cunho político no twitter, de acordo com o mecanismo de busca Topsy, foi no dia 05/06 por um perfil já desativado o @Annabel_Lee que foi impulsionado pelo perfil *influential* @cadulorena. No entanto, ao chegar na décima página da busca, descobrimos que o site só permite que usuários façam um levantamento completo caso sejam usuários *pro*, e que para tanto precisa-se desembolsar 12.000 dólares (!) mensais.

Como citado anteriormente, o Twitter abriu seus dados para o mercado financeiro em 2012, com isso, acessar *Trending Topics*, *hashtags* e até mesmo *tweets* de usuários com um recorte temporal se tornou muito caro. A busca disponibilizada pelo Twitter usando as *hashtags* com algum filtro de tempo, de 06/06/13 até 17/10/2013 por exemplo, encontra apenas de dez a vinte *tweets*; quando o número na realidade é muito maior. Outros mecanismos de busca de empresas especializadas, ou *apps* como são chamados, que prometem levantar todos os dados que se pretende pesquisar no microblog também cobram alguns milhares de dólares mensalmente pelo acesso *pro* que permite o acesso a dados com mais de 6 meses “de idade”.

Ao longo do mês de fevereiro de 2015, entramos em contato com diversas empresas frisando que o nosso intuito de buscar dados relacionados às *hashtags* era acadêmico, e que muitos dos serviços oferecidos pelas páginas sequer seriam utilizados. Contudo, as páginas²² que responderam negaram o acesso aos dados sem que o valor do serviço fosse pago.

²² Serviços como monitoramento em tempo real da *hashtag* da sua campanha publicitária e/ou marca, número de menções por dia, busca em perfis influentes e etc., não seriam utilizados.

Além desse fator, optamos por utilizar o Facebook diante dos números que comprovam que o brasileiro prefere usar o Facebook ao microblog na hora de se expressar digitalmente. Enquanto em 2013 o número de usuários do Twitter no Brasil era de 30 milhões, no Facebook passava de 76 milhões de usuários²³. Além disso *apps* similares ao já falados, mas que se dedicam apenas ao Facebook, foram mais receptivos às nossas necessidades. Após menos de uma semana de buscas, e alguns emails, encontramos o *app* escolhido, o PageData. que por se tratar de uma pesquisa acadêmica, cobrou 112 dólares por um mês de acesso²⁴.

Embora concordemos com Negri quando ele diz que

O modo de produção open-source, que é uma invenção dos hackers e que por sorte é exportável (pode ir mais além da prática estrita dos hackers, já que é um projeto que pode ser retomado por outros) se tornam imediatamente comunicativo. O software livre com código de fonte aberta (open source software) é um produto de colaboração voluntária, aberta e auto-organizada entre programadores que estão divididos pelo mundo inteiro e que estão ligados em rede produzindo programas abertos e modificáveis pelos usuários locais, que sempre se colocam como competentes iguais. (NEGRI, online)

Não encontramos colaboradores interessados em coparticipar e copesquisar conosco. No entanto, os dados coletados das páginas do Facebook “Ninja”, “AnonymousBrasil” e “Anonymous Rio”, que foram escolhidas para serem mapeadas nesse mês de uso pago, serão compartilhados para uso futuro. Através do uso desse *app* propomos também uma forma de pensar o contra-império, na medida em que usamos uma ferramenta de controle imperial contra o próprio Império.

2.1.2- A estrutura do site PageData

O PD como será chamado a partir de agora, usa uma interface amigável para que pessoas que não sejam especialistas em programação ou até mesmo em Marketing possam

²³ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular>

²⁴ Todos os contatos feito com os administradores das páginas, softwares e *engines* que nos interessavam foi no intuito de conseguir os dados sem nenhum custo, mostrando que uma pesquisa acadêmica poderia oferecer uma boa contrapartida ao *app*, no entanto todas as respostas foram negativas. Por isso, escolhemos dar prosseguimento a pesquisa comprando o acesso de um mês, tempo necessário para levantar os dados necessário.

acessar dados de milhões de páginas do Facebook, segundo a contagem do próprio *app*. Usaremos como exemplo uma página dentre as mapeadas.

Figura 1 – Estrutura do PageData



Fonte: pagedata.com

Como o mundo da Publicidade e do Marketing tem seu campo empírico com base no presente, o carro chefe da ferramenta é a análise em tempo real das páginas monitoradas com a possibilidade de montar um comparativo entre elas (da sua marca e/ou campanha e as do seu concorrente, por exemplo). Os filtros disponíveis para essa análise também figuram na análise temporal, mediante a disponibilidade dos dados, uma vez que nem todas as páginas do Facebook tem um histórico disponível. Os filtros são divididos em Audience, Demographics, Leaders, Engage Score, Engage Data, e Posts.

Em *Audience* (público em inglês) são exibidos dois dados em forma de gráfico. A quantidade de curtidas que a página recebeu por dia durante o mês escolhido, e a quantidade de pessoas falando sobre a página no mesmo recorte temporal. *Demographics* (demografia) exhibe o número de usuários que curtiram a página separados por nacionalidade. *Leaders* (líderes) mostra um ranking de páginas sobre o mesmo assunto e a posição que a página analisada ocupa, no caso da AnonymousBrasil, o 9º lugar mundial da categoria *causes* (substantivo que traduzido seria causas, mas que se refere mais especificamente a causas políticas, humanitárias e etc.). *Engage score* (placar de engajamento) que nesse contexto significa a capacidade de mobilização de um post, quantos usuários o visualizaram, quantas curtidas e compartilhamentos os posts tiveram em cada dia do mês escolhido. *Engage Data*

(dados de engajamento) é um desdobramento do filtro anterior mostrando os mesmo dados em forma de gráficos. Ambos os filtros são de grande importância para essa pesquisa como será mostrado na seção 2.3 – Cartografia, e na análise do terceiro capítulo. Por último, temos o filtro *Posts* (postagens) que disponibiliza uma planilha de excel com um link de acesso para todas as postagens da página, suas curtidas, compartilhamentos e comentários.

Embora o PD permita acessar todos esses dados, não são divulgados dados confidenciais das páginas como mensagens *inbox*, proprietário(s) da página e endereço de *ip* da mesma, que só podem ser requisitados junto ao Facebook mediante ordem de justiça.

Como falado anteriormente, a escolha desse mecanismo de busca e pesquisa se fez necessário por uma série de fatores que estão diretamente implicados na constituição do poder imperial, e mesmo que tenhamos ressignificado seu uso, reconhecemos as implicações políticas dessa escolha e a problematizaremos aqui e ali até o fim desta dissertação.

2.2- Facebook

Neste exato momento, enquanto escrevemos ou lemos esta linha, diversos sites de redes sociais (SRS) atraem bilhões de usuários ao redor do mundo e trazem consigo a incrível possibilidade de atrair ainda mais pessoas. Os SRS geralmente são definidos como

Web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site²⁵. (BOYD & ELLISON, p.2)

No topo da lista dos SRS está o Facebook²⁶, empresa lançada em fevereiro de 2004 com a missão de dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado, segundo o próprio site²⁷. Pensar o FB é algo de que a academia tem se ocupado cada vez mais mundo a fora, mas que ainda engatinha aqui no Brasil. Talvez isso seja devido ao fato de que por aqui o FB é considerado como diversão e que como tal ocupa um outro polo em relação ao fazer sério da academia de uma maneira geral. Todavia,

²⁵ “Serviços baseados na internet que permitem indivíduos (sic) (1) construir um perfil público ou semi público dentro de um sistema, (2) articular uma lista de outros usuários com quem possam ter alguma conexão, e (3) acessar e atravessar uma lista de outras conexões feitas por outras pessoas dentro do mesmo sistema. A natureza e nomenclatura destas conexões variam de página a página” (tradução nossa)

²⁶ Doravante chamado de FB.

²⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/FacebookBrasil/info?tab=page_info

nosso trabalho propõe uma maneira de encarar essa e outras SRS como plataformas que permitem que os sujeitos se articulem e tornem visíveis algumas práticas, implicações, culturas e efeitos na sociedade de uma maneira geral, que são de interesse das Ciências Humanas como um todo e, claro, da Educação. Procurando por em diálogo o aporte teórico trazido por essa pesquisa e o FB, que por sua vez traça um diálogo íntimo com as outras partes deste mesmo capítulo, problematizamos o próprio lugar onde a pesquisa se insere, como forma de dar movimento a mesma.

Os SRS são também um (sic) dispositivo disciplinar, e como tal podem ser considerados como uma versão contemporânea do Panóptico em Vigiar e Punir (2004) de Michel Foucault. Como falado anteriormente, o poder disciplinar foi uma técnica baseada em uma vigilância constante atrelada a alguns espaços físicos que surgiram no século XIX. O Panóptico de Jeremy Bentham, segundo Foucault, é a representação arquitetônica do poder disciplinar. Um edifício em forma de anel, dividido em pequenas celas, no qual tudo o que era feito pelo sujeito estava exposto ao olhar de um vigilante, que ninguém poderia ver, inculcando àquele que é observado uma sensação de constante vigilância (FOUCAULT, 2004, p. 165-169). Contemporaneamente, alguns autores consideram a rede de computadores um novo Panóptico, pois facilita o controle social, comercial e familiar dos sujeitos que dela se utilizam.

Nesta nova sociedade, a monitoração eletrônica pode ser reconhecida como um desenvolvimento tecnológico da antiga vigilância hierárquica, mas o poder punitivo não mais se manifesta por meio de uma sanção normalizadora, mas por um intrincado sistema de registro e reconhecimento. Não mais é função social transformar o “anormal” em “normal” nas instituições disciplinares, mas registrar e reconhecer o “anormal” para filtrá-los da sociedade dos “normais”. (VIANNA, 2007, p. 83)

Essa ideia de pensar não só os SRS, mas a *web* como um todo dentro da perspectiva de um Panóptico contemporâneo ganhou força com o vazamento de informações ultra secretas da NSA, já mencionada anteriormente. Com isso, a *web*, e principalmente os SRS, se tornaram objeto de vigilância do Estado e a rede sua forma de vigilância.

Todavia, considerar o FB apenas um Panóptico ignora as dimensões produtivas que o mesmo proporciona. Segundo Hardt&Negri (2001):

Hoje mais que nunca, quando forças produtivas tendem a ser totalmente deslocalizadas, completamente universais, elas produzem não apenas mercadorias mas também ricas e poderosas relações sociais. Essas novas forças produtivas não tem um lugar, entretanto, porque ocupam todos os lugares, e produzem e são exploradas nesse não-lugar indefinido. (HARDT&NEGRI, 2001, p. 230).

Lembrando que, ainda dentro da teoria foucaultiana, o poder produz e essa é a força motriz da nossa pesquisa. Em um artigo intitulado *Securing the Social: Foucault and Social*

Networks da pesquisadora de redes italiana Tiziana Terranova (2015)²⁸, são apresentadas algumas possibilidades de uso da teoria foucaultiana para pensar os SRS que dialogam mais proximamente com o nosso trabalho. A primeira delas é a ideia de segurança traçada por Foucault no curso Segurança, Território e População ministrado nos anos 1970 em Paris. Segundo Terranova, a estrutura na qual a internet se apoia precede a mesma e até mesmo as tecnologias de informação como um todo, uma vez que surge em algum momento do século XVIII. Segurança é para Foucault um sistema jurídico legal, que traça uma divisão do que é aceito e o que é proibido; um mecanismo disciplinar que adentra o sujeito; e um dispositivo/aparato de segurança que diz sobre o que é aceitável para a população dentro de uma linha média. Esses três fatores são técnicas de poder centradas no espaço, e procuram tornar possível a circulação de pessoas, mercadorias e serviços em um território soberano. Logo, o problema da segurança é um problema de circulação que tende a crescer em um movimento centrífugo incorporando o máximo possível de elementos para organizar e permitir a circulação em um território. (TERRANOVA, 2015, p.p, 113-15). E o que isso tem a ver com a internet? Ora, da mesma forma que a segurança organiza a circulação em territórios, ela também pode organizar a circulação de dados e usuários na rede

In this sense, the topos of the network and especially the concrete computational network of networks that we call the Internet automates in a new informational milieu mechanisms of security which precede the invention of computing and the Internet. Expansive and centrifugal, it integrates more and more elements that both maximize circulation and minimize, without eliminating completely, error or loss²⁹. (TERRANOVA, 2015, p. 114)

Essa circulação é pensada na perspectiva do mercado financeiro e econômico, valorando cliques, vendendo publicidade e etc. Também ajuda a explicar como o Facebook, um SRS, tem suas ações vendidas na bolsa e possui um valor bruto que ultrapassa os 200 bilhões de dólares.

²⁸ Tiziana Terranova é muito conhecida por sua tese formulada no início dos anos 2000 sobre o trabalho livre, Nela a autora diz que o trabalho livre dos usuários é a fonte econômica da economia digital. O conceito de trabalho livre é um desdobramento dos estudos pós-marxistas elaborados por Paolo Virno, Antonio Negri e Maurizio Lazzarato que versam sobre o trabalho imaterial, e se apresenta como uma consequência do investimento na subjetividade como forma de produção capitalista. Para a autora, embora esse trabalho livre propiciado pelas redes seja apenas uma nova forma de valor e motor da produção tecnocapitalista, se configurando como uma forma tecnológica de exploração, ele tem o potencial de criar novas formas de organização política e econômica, como o p2p. Disponível em: http://p2pfoundation.net/Tiziana_Terranova

²⁹ Nesse sentido, os lugar da rede e, especialmente, a rede computacional concreta das redes a que chamamos Internet automatiza em um novo meio informacional mecanismos de segurança que antecedem a invenção da computação e da Internet. Expansiva e centrífuga, a rede integra mais e mais elementos que tanto maximiza a circulação quanto a minimizam, sem eliminar completamente, erro ou perda

Grande parte desse poder econômico agregado ao FB se deve ao lançamento do *Open Graph* em 2010 que, grosso modo, é a maneira que o FB se integra e se relaciona com outros sites da rede³⁰. Páginas da *web* de conglomerados de notícia, sites de lojas *online*, páginas de filmes lançados no cinema e etc., possibilitam que qualquer pessoa que navegue por uma página que use esse mecanismo possa interagir via Facebook sem precisar acessar diretamente o endereço da página facebook.com(.br). Segundo Terranova (2015 p. 121), embora o *app* seja invísivel a grande maioria dos usuários seus efeitos ampliaram muito o alcance do FB, pois trouxe toda a internet para dentro dele.

Também é por meio do *Open Graph* que páginas e usuários podem virar “nós” da rede, no sentido de poder expandir o conteúdo em novas direções. Isso acontece porque o *app* ainda torna o link da página da *web* que o utiliza em uma ferramenta automática de análise (*ibidem*). Por exemplo, ao ler uma notícia no portal da Carta Capital o usuário tem a opção de compartilhar essa notícia em sua linha do tempo, ou na linha do tempo de um dos seus “amigos”. Para tanto a página normalmente pede ao usuário uma permissão para acessar suas informações públicas (nome, foto do perfil, gênero, cidade em que mora, escolaridade e etc.), lista de amigos e páginas curtidas. É a partir dessas informações que é traçado o perfil do usuário para que novas páginas e novos conteúdos sejam sugeridos, além de mapear o usuário e traçar um perfil de que esse acessa páginas “x” e não “y”, podendo assim criar anúncios publicitários contextuais, que são personalizados de acordo com os interesse do usuário.

Tudo isso faz com que o aplicativo *Open Graph* dialogue com a nossa pesquisa de duas formas. A primeira como um dispositivo imperial de segurança, na medida em que organiza a circulação da rede. A representação digital deste aspecto é o botão “curtir”, que qualifica o conteúdo e dá o *feedback* necessário para que o perfil de usuário seja refinado. O “curtir” é o bem mais valioso do FB. A segunda forma de diálogo é que o aplicativo faz com que muitos conteúdos da internet sejam relacionais, tanto por montar uma rede de assuntos semelhantes, quanto por torna-los compartilháveis. Esse segundo fator explicaria por si só a escolha de usar o FB como nosso campo de pesquisa, porquanto relação é a base da autoformação. Com isso trazemos o foco para um detalhe micro do FB, o botão de “compartilhar”. Enquanto a curtida capitaliza e contribui para que a internet se torne um mercado, o compartilhamento envolve subjetivação. Compartilhar é uma ato de performance que causa um efeito na rede em que ele se insere. Ninguém compartilha um conteúdo de maneira neutra ou secreta, o fazemos publicamente diante de nossos pares, o que cria uma

³⁰ Disponível em: <http://ogp.me/>

implicação direta entre conteúdo e usuário e, em última instância, estabelece uma relação entre o usuário e seu público.

Entendemos que um dos pontos centrais do nosso trabalho é também uma das maiores críticas a pesquisas que se utilizam do Facebook. Alguns críticos acreditam que o FB é apenas um lugar de performance em que as pessoas visam tornar suas ações e decisões visíveis para impressionar o outro. Concordamos em parte, pois acreditamos que tais performances são produtoras de novas realidades, e não só um produto de uma realidade já existente.

2.3- Cartografia

Ao pensarmos em cartografia, logo pensamos em um mapa, e essa é a proposta apresentada por Félix Guatarri e Gilles Deleuze.

o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social.”(DELEUZE, 1995, p.22).

Esse método não é preso a regras estáticas, ao invés disso, é fruto de um movimento atencional, pautado na experiência e na busca de pistas e de signos do processo em curso, sempre atento aos efeitos sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento.

Em um artigo sobre a teoria ator-rede³¹, a professora Fernanda Bruno (2012) discorre sobre rastros digitais e as possibilidades de pesquisa apresentado por eles, ainda que não lancemos mão de tal teoria, tomaremos emprestado alguns pontos que nos são pertinentes. Segundo a autora os rastros são mais ou menos visíveis, mais ou menos duráveis, mais ou menos recuperáveis, mais ou menos voluntários, mais ou menos atrelados à identidade daqueles que o produzem, e sempre remetem ao coletivo (BRUNO, 2012, passim). Isso reforça o caráter plural dos rastros, além de reforçar a dificuldade de se trabalhar nessa perspectiva.

Ao falarmos de rastros devemos lembrar, também, que a internet, é o território em que rastros são facilmente deixados e recuperados. Falamos anteriormente sobre os dispositivos de

³¹ “A Teoria Ator-Rede reivindica um social de composição híbrida, entendido como coletivo sociotécnico de entidades humanas e não humanas. Tais entidades não são, por algum atributo especial, atores (actantes). Um actante não se define por sua natureza (humana ou não humana; animada ou inanimada), mas pelo modo como age. Vê-se que o actante se diferencia do sentido sociológico clássico de “ator social”, privilégio do domínio humano”. (BRUNO, 2012, p.10)

segurança que agenciam a rede e seus usuários, seja pelo *OpenGraph* ou pela NSA alimentamos constantemente bancos de dados.

3- OS RASTROS, OS GRÁFICOS, OS POSTS E A AUTOFORMAÇÃO

Neste terceiro capítulo trataremos especificamente sobre o nosso objeto de pesquisa, a possibilidade de autoformação nas duas páginas mapeadas, utilizando o material levantado no PD, assim como demais gráficos e dados de outros mapeamentos que possa nos ajudar a traçar o nosso próprio mapa. Para tanto, traremos um vasto material ilustrativo. Vale lembrar que as imagens são tão importantes quanto a discussão que será levantada, pois a imbricação entre tais elementos é que fará emergir a composição heterogênea característica da Multidão. Nosso leitor perceberá que analisaremos nosso objeto de pesquisa tal qual um cinegrafista, ora aproximando o zoom da nossa análise ao nível do sujeito, ora afastando-o e fazendo um plano aberto do evento em si, por meio dos gráficos, por exemplo; e isso não se dará de maneira linear, da mesma forma que a multidão não é.

3.1- AnonymousBrasil

A página criada em 18 de julho de 2012 e hospedada no link <https://www.facebook.com/AnonymousBr4sil?fref=ts> é uma das páginas brasileiras com o maior número de curtidas, 1 milhão e 400 mil até o dia 10/06/2015, e ocupa o 9º lugar no mundo em sua categoria.

Figura 2- Ranking de fanpages por assunto

Audience Demographics **Leaders** Engage Score Engage Data Posts

Leaderboard Position
Use this tab to see where AnonymousBrasil appears on leaderboards

Rank	Leaderboard
9th	Top Pages by Total Likes (Category: Cause)
15th	Fastest Growing Pages Today (Category: Cause)
12th	Fastest Growing Pages This Week (Category: Cause)
10th	Fastest Growing Talked About Pages Today (Category: Cause)
6th	Fastest Growing Talked About Pages This Week (Category: Cause)
7th	Most Talked About Pages (Category: Cause)

Fonte: o autor

Tamanho alcance deve-se principalmente à visibilidade que as manifestações de 2013 trouxeram a página, ano que aliás foi o ano mais ativo da mesma. A sua proposta central é se apresentar como uma ideia. Segundo a própria descrição da página, uma ideia sem rostos que não pode ser contida nem aprisionada. E o seu símbolo maior é a máscara de Guy Fawkes³² utilizada também pelo personagem V dos quadrinhos V de vingança de Alan Moore. A máscara representa um rosto qualquer, enfatizando que pouco importa o homem ou a mulher por detrás dela, e sim, seus ideais. Tal máscara foi usada por milhares de manifestantes ao redor do mundo, sobretudo depois do lançamento do filme V de vingança em 2005, e no Brasil não foi diferente.

Abaixo vemos a nuvem de palavras dos comentários da fanpage no mês de junho de 2013, retirada da internet.

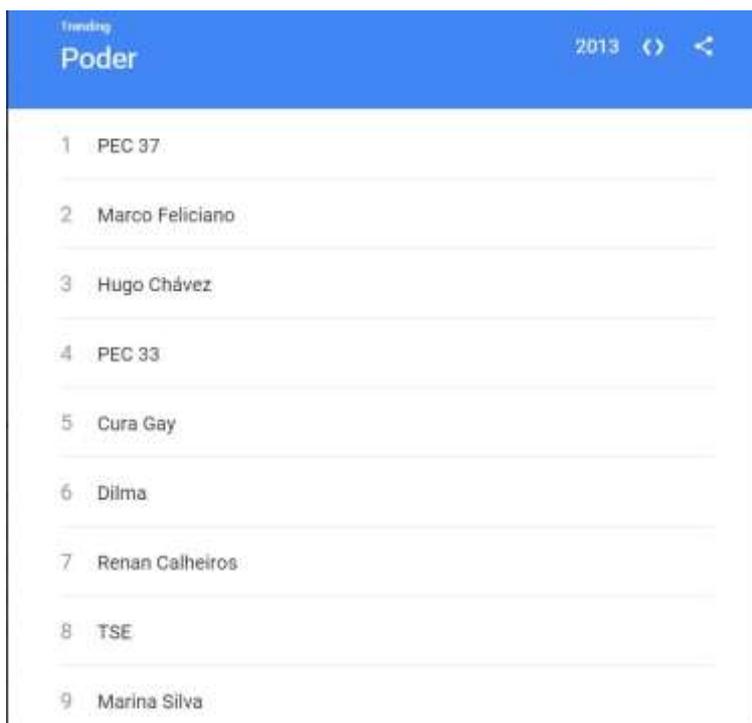
Figura 3- nuvem de palavras mais mencionadas nos posts da fanpage AnonymousBrasil

³² Foi um católico inglês do século XVI que planejou, junto com outras pessoas explodir o parlamento britânico naquela que ficou conhecida como Conspiração da Pólvora.

NEGRI, 2010). Nesse contexto a internet se coloca como o espaço ideal para essa formação intelectual do trabalhador imaterial, pois tal qual o modelo de produção atual, que se dá em rede, ela propicia uma (auto)formação também em rede, em que a relação mais ou menos horizontal que proporciona se dê nos níveis mais variados da população.

Para ilustrar essa situação:

Figura 4- termos mais pesquisados sob o tópico poder (política) no Google em 2013



Fonte: <https://www.google.com.br/trends/>

O primeiro e quarto lugar da lista de assuntos mais buscados no ano foram postos em evidência durante as manifestações de 2013, e por meio da ação direta das páginas pesquisadas. Ainda que pareça simples, o fato de apertar o botão de busca para se informar sobre um assunto, nesse caso político, corrobora com o objetivo dessa pesquisa e reafirma o caráter inovador do período em que vivemos, pois:

O caso das organizações em rede, por exemplo, é sintomático dessas novas relações [entre trabalho imaterial e autoformação]. Ajudando a demolir definitivamente as dinâmicas mais hierarquizadas e contribuindo em grande medida para colocar em crise a lógica da representação política. [...] Falar sobre redes, tanto do ponto de vista da comunicação quanto do ponto de vista da organização política ou social, implica falar em uma forma razoavelmente horizontal de relação em que os sujeitos ou atores estão dispersos no espaço de maneira difusa e não hierarquizada, sendo possível acessar os mais diversos pontos sem depender obrigatoriamente de qualquer tipo de mediação. (MENDES, 2010, p. 115-116) (comentário nosso)

Da mesma forma, os gráficos a seguir apontam a busca por um “espaço de conexão entre as lutas, de formas de resistência e de experimentações organizativas” (COLETIVO 2012, p.115); isto é, um espaço de autoformação.

Gráfico 1 – Novas curtidas na página AnonymousBrasil por dia (mês de junho)



Fonte: o autor

Gráfico 2 – Novas curtidas na página AnonymousBrasil por dia (mês de julho)



Fonte: o autor

Gráfico 3 – Novas curtidas na página AnonymousBrasil por dia (mês de agosto)



Fonte: o autor

Gráfico 4 – Novas curtidas na página AnonymousBrasil por dia (mês de setembro)



Fonte: o autor

Gráfico 5 – Novas curtidas na página AnonymousBrasil por dia (mês de outubro)



Fonte: o autor

Nos gráficos, a linha verde pontilhada é o número de pessoas mencionando o nome da página, enquanto as barras azuis indicam o número de pessoas que curtiram a página naquele dia, e portanto passaram a receber as atualizações da mesma em seus feeds de notícia. Podemos perceber que o gráfico de junho forma uma crescente contínua, enquanto os de julho uma decrescente, nos outros meses os gráficos apresentam ápices. Isso significa que em um primeiro momento – junho de 2013 – o assunto manifestação gerou interesse independente de haver ou não atos marcados; enquanto em julho, mês em que não houve nenhuma mobilização expressiva, o ritmo de crescimento da página diminuiu. Já em agosto, setembro e outubro esse os números aumentavam nos dias em que ocorriam as manifestações. Como falado anteriormente, a autoformação está além do interesse, por isso é importante pensar o evento (as manifestações) como formador de subjetividade.

Aqui entendemos o evento como um conceito importante da filosofia contemporânea, como algo que institui “uma ruptura com a causalidade, a temporalidade e a historicidade lineares” (VOCABULÁRIO, 2014, p. 150). Um evento acontece em diversos níveis e mais de uma vez (idem), isso se comprova se pensarmos na mobilização que cada manifestação (o evento) causava online antes e depois de acontecer e os efeitos causado por uma delas. Justamente por representar uma ruptura, o evento se inicia muito antes de começar. Ele cria seus próprios antecedentes, sem que no entanto seja detectado o que nos ajuda a explicar porque um fato aparentemente trivial, o aumento da passagem, desencadeou algo muito

maior. Se pensarmos a jornada de 2013 dessa forma, como um momento de ruptura com o que estava posto, poderemos entender que não se tratou de um movimento vazio de pautas, pelo contrário, era um movimento com tantas demandas quanto possível, unidos pelo interesse comum de manifestar o desejo e o anseio por melhoras em geral. O evento dialoga com a ideia da autoformação porque modifica o lugar em que se insere e as pessoas que por ele são afetadas, “o evento é o momento em que se registra, de maneira inequívoca, que uma transformação dos corpos, das sensibilidades, das palavras e dos desejos ocorreu” (VOCABULÁRIO, 2014, p. 151). Essa transformação expressa o desejo da multidão que se constitui quanto resistência e quer alterar o mundo ao seu redor, e cria uma dobra uma vez que modifica esse mundo ao passo em que vai modificando os sujeitos que dela fazem parte.

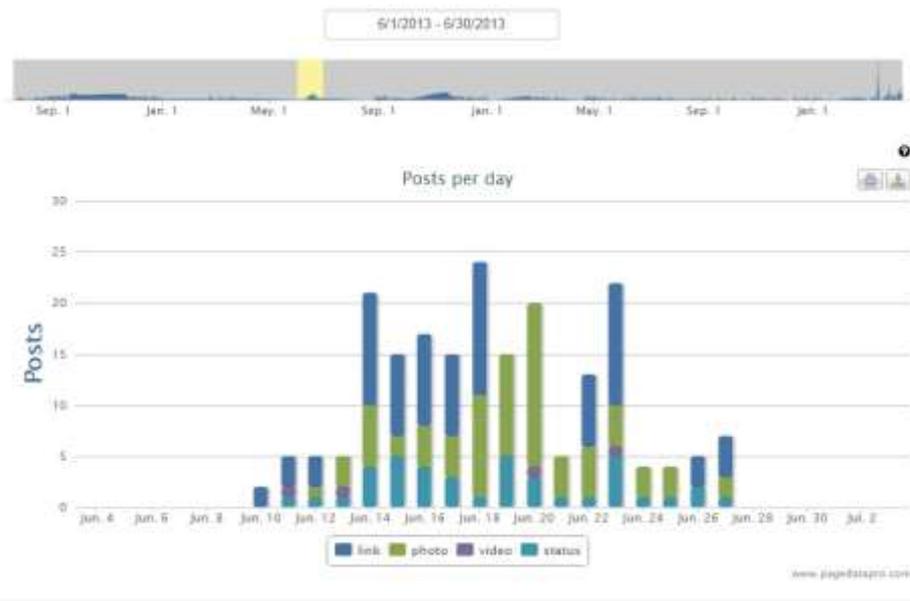
Este é o evento como “puro devir”, uma transformação virtual abstraída e substraída de estados de coisas atuais. Mas o evento não é apenas puro devir, ele também é um devir, alguma outra coisa. À “mutação virtual” do puro devir se segue uma “mutação atualizante”, por meio da qual o deslocamento da sensibilidade vai ganhando forma, vai tomando corpo: novas palavras, atos, condutas, a inscrição atual e perceptível de transformações virtuais e sensíveis. Por meio desta atualização, o evento se comunica agindo sobre o mundo ao seu redor de forma a alterá-lo. Pode ser apenas que algumas pessoas tivessem cruzado aquele limiar; mas uma vez que esta transformação os tenha tornada alguma outra coisa, a potência transformadora poderá ser comunicada e compartilhada. É assim que o evento, que já acontecera uma primeira vez numa mutação virtual, e uma segunda vez em novas individualizações, pode acontecer muito mais vezes à medida que se propaga. (idem)

Isso significa dizer que o evento não será tão potente quanto o número de pessoas que ele mobiliza, pois o processo de subjetivação que representa não pode ser quantificado, mas sua potência está na possibilidade das experiências, formação e afetos poderem ser compartilhados.

Na seção 2.2 mencionamos a função que o botão compartilhar tem no Facebook, e a importância que o mesmo tem na nossa pesquisa, a partir do momento em que ele é o grande responsável por “passar a diante”. Mencionamos também o contraste dele com o botão curtir, que por sua vez representa a aprovação do usuário ao conteúdo, fator que o torna mais importante diante do ponto de vista econômico de valoração de cliques. Os gráficos abaixo são sobre o fluxo de postagens, curtidas recebidas, compartilhamentos e comentários por mês de junho a setembro³³ da página analisada.

Gráfico 6 – postagens por dia no mês de junho

³³ As informações da página sobre outubro de 2013 estavam bloqueadas para acesso. Em contato com o suporte técnico do PageData, fui informado que por algum motivo o Facebook estava bloqueando o acesso a esses dados.



Fonte: O autor

Gáfico 7 – postagens por dia no mês de agosto



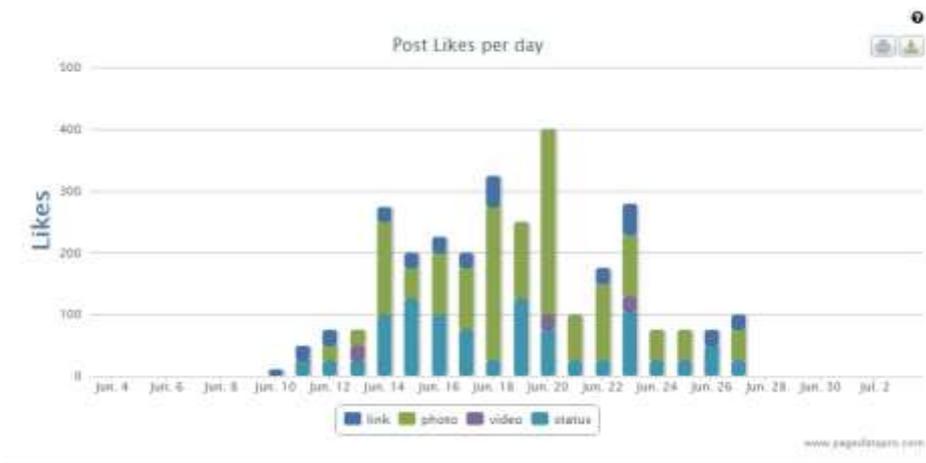
Fonte: O autor

Gáfico 8 – postagens por dia no mês de setembro



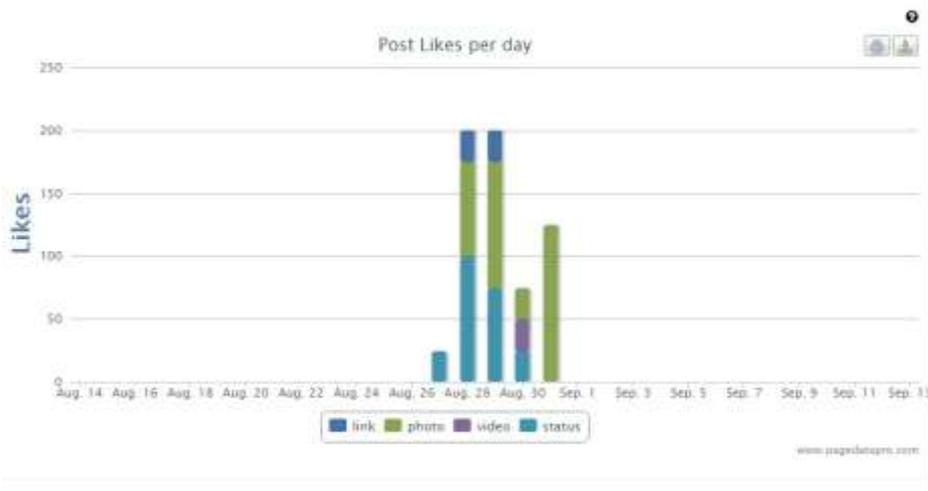
Fonte: O autor

Gáfico 9 – curtidas recebidas por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Junho



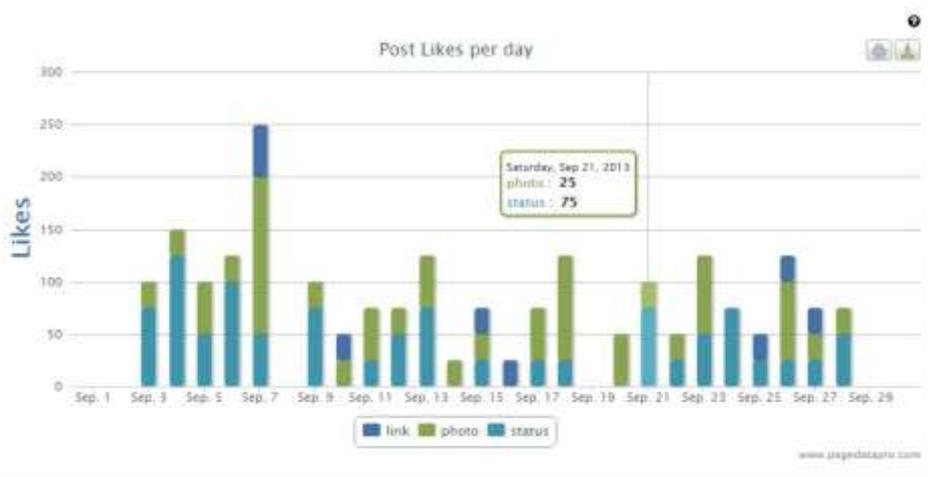
Fonte: O autor

Gáfico 10 – curtidas recebidas por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Agosto



Fonte: O autor

Gáfico 11 – curtidas recebidas por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Setembro



Fonte: O autor

Gáfico 12 – compartilhamentos por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Junho



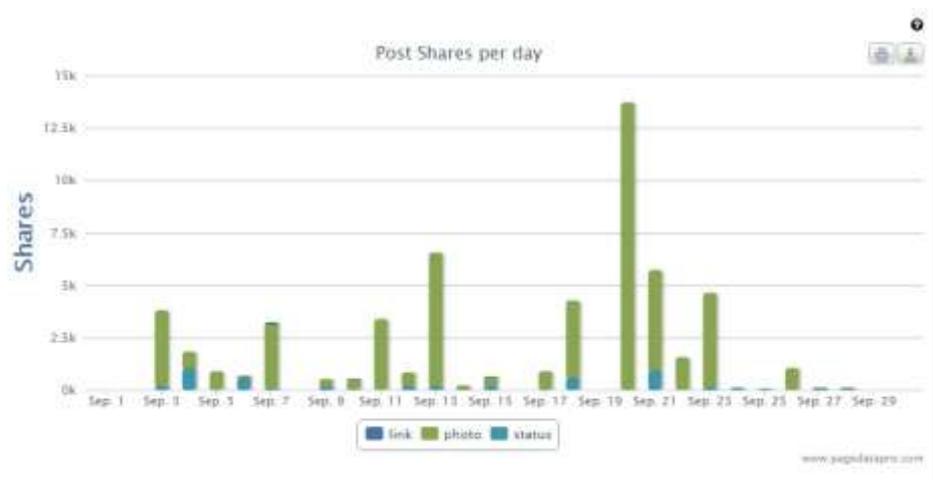
Fonte: O autor

Gáfico 13 – curtidas recebidas por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Agosto



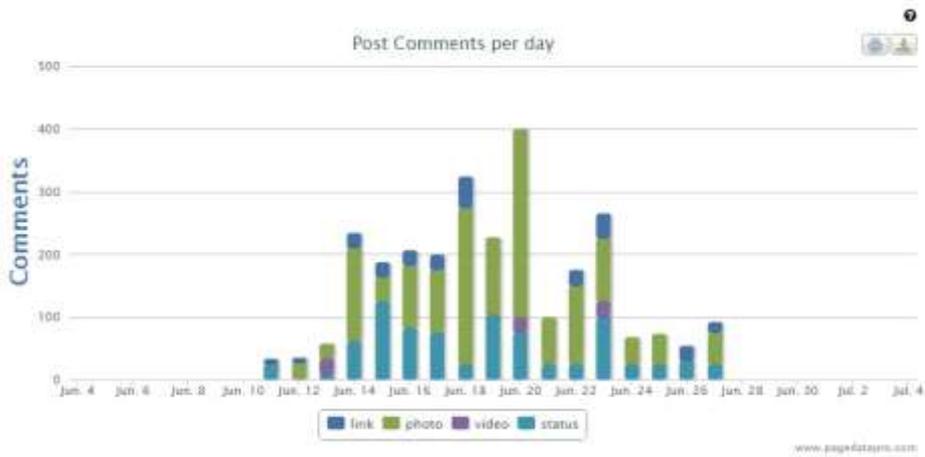
Fonte: O autor

Gáfico 14 – curtidas recebidas por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Setembro



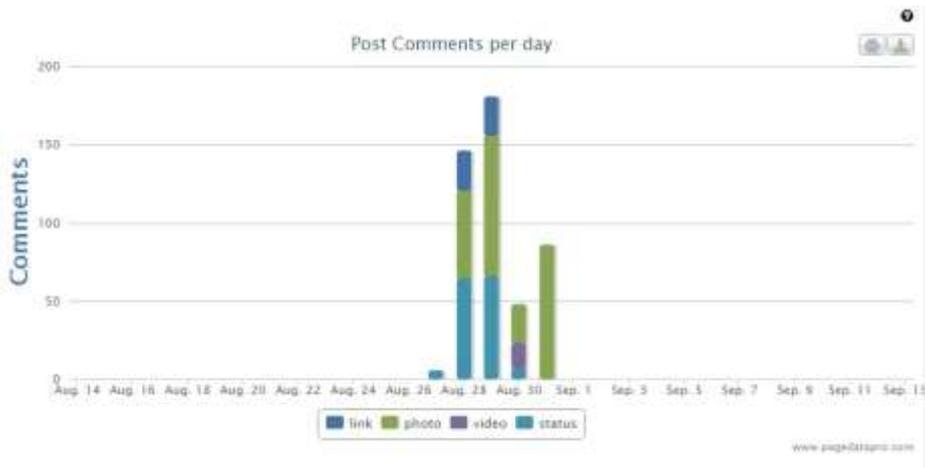
Fonte: O autor

Gáfico 15 – comentários por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Junho



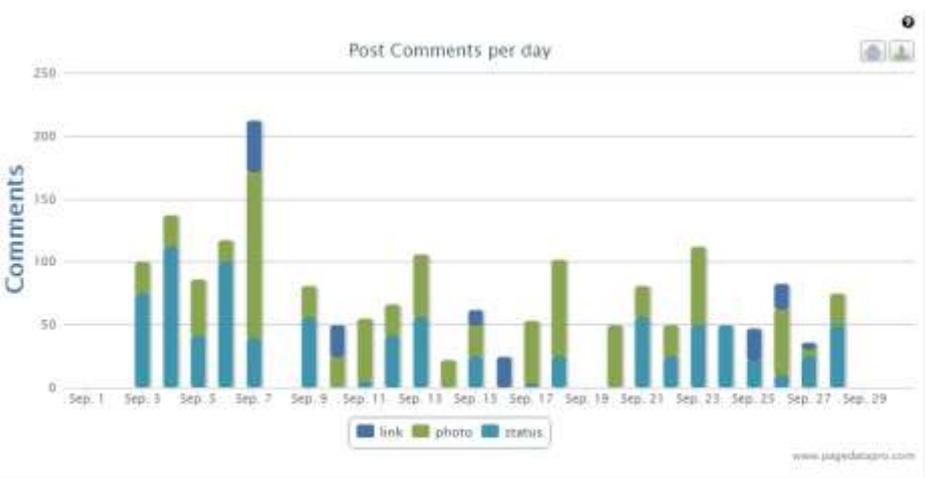
Fonte: O autor

Gáfico 16 – comentários por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Agosto



Fonte: O autor

Gáfico 17 – comentários por tipo de postagem (link, foto, vídeo ou status) – Setembro

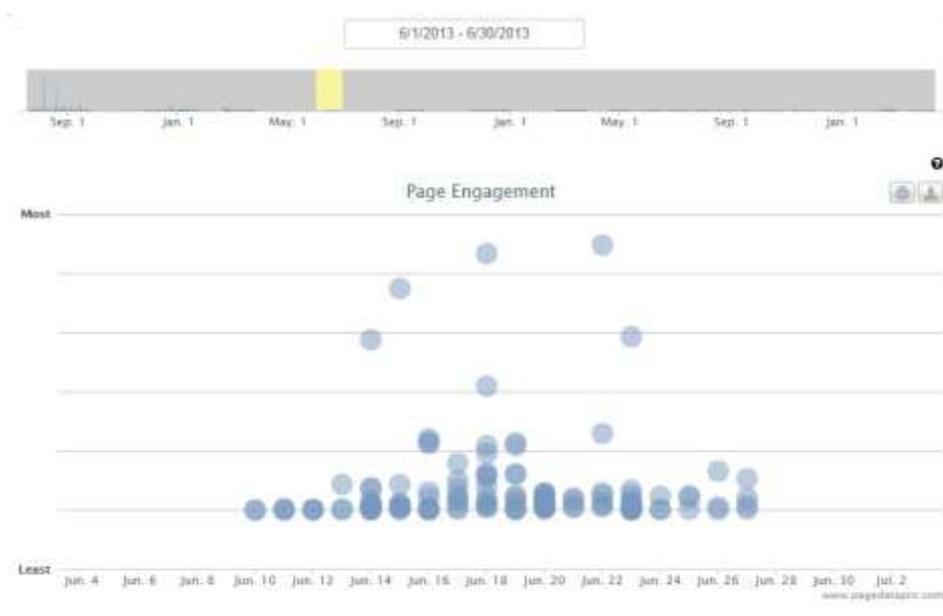


Fonte: O autor

Sites e páginas de relacionamento como o Facebook assumem o papel de um sistema informal de votação (GERBAUDO, 2014, p.82). Ao publicar um conteúdo, as páginas e aí, claro a AnonymousBrasil, passam pela apreciação dos seus usuários, onde pode-se interpretar uma curtida como um voto. Nesse contexto, curtir, compartilhar e retuitar representam votos de confiança no conteúdo, e atua como um indicador de apoio a uma certa ideia, ação ou mensagem (idem). Cada curtida ou compartilhamento aponta na direção de uma política do comum, que é imanente e se dá a partir das vidas, experiências individuais, e coletividade da multidão, podemos afirmar que quando falamos de comum, “não fazemos referência a um bem que deve ser defendido e preservado, mas à afirmação da autonomia e da auto-organização da cooperação social. O comum, longe de existir ‘ao natural’ é, ao contrário, produzido” (COLETIVO, 2012, p. 135). A multidão, por ser composta de singularidades que que cooperam entre si devem sempre buscar o que lhe permite se comunicar e agir em conjunto, isto é, o comum.

Os gráficos 6, 9, 12 e 15, referentes ao mês de junho de 2013 trazem entre os dias 18 e 20 do mesmo colunas com o maior ápice do recorte temporal proposto por essa pesquisa, e o gráfico a seguir mostra o volume de engajamento que cada postagem daquele mês conseguiu atingir diante do público da página. Traremos a seguir uma postagem do dia 19 de junho que é aquela com o maior número de curtidas e compartilhamentos de 2013, e, portanto, que obteve o maior alcance para discutirmos.

Gráfico 18 – gráfico de mobilização



Fonte: O autor

Figura 5

https://www.facebook.com/AnonymousBrasil/photos/a.332941190125772.79747.332934666793091/478714045548485/?type=1

Search Facebook

Paulo

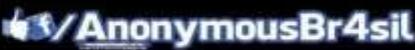
Timeline Photos

Back to Albums · AnonymousBrasil's Photos · AnonymousBrasil's Page Previous Next

**MESMO SE A TARIFA
BAIXAR, OS PROTESTOS
VÃO CONTINUAR!**

NÃO É SÓ POR 0,20!

**É PELA SAÚDE,
EDUCAÇÃO, SEGURANÇA
E CONTRA A
CORRUPÇÃO!**

AnonymousBrasil
#Anonymous #AnonymousBrasil #BrasilAcordou #VemPraRua
#OligemAcordou #ManifestationsCup #ChangeBrazil
Curta nessa página AnonymousBrasil — with Carol Teixeira
Like · Comment · Share · June 18, 2013

15,898 people like this. Top Comments

35,025 shares

Write a comment.

Gabriel Vamos fazer uma lista dos pedidos de reivindicações a levar pra todos os movimentos e para o congresso. vamos ser mais claros e objetivos pessoal... para ja começarmos a mudar o Brasil... e sem vandalismo, alguém pode fazer uma lista e começar a compartilhar no facebook... para começarmos a agir...
Like · Reply · 263 · June 18, 2013 at 8:55am
21 Replies

Paula acho que a nossa presidente ainda não entendeu ou esta se fazendo de toba. Outra coisa muito importante é o voto facultativo e tinha que acabar fim aquelas propagandas políticas que parece propaganda de polithep... tinha que ter tempo igual para todos os candidatos, so assim poderiamos ter acesso real as propostas de todos.
Like · Reply · 142 · June 18, 2013 at 9:55am
6 Replies

Andre REIVINDICAÇÕES PARA AS MANIFESTAÇÕES. REPASSEM
1) Reforma tributária - Diminuição dos valores de impostos como IPIs. Contins... See More
Like · Reply · 20 · June 19, 2013 at 9:01am
1 Reply

Marcelo vamos parar o Brasil até que nossas vidas mudem, até que os nossos salários mudem
Like · Reply · 15 · June 18, 2013 at 8:58am

Gabriels Contra a privatização da Saúde
Like · Reply · 15 · June 18, 2013 at 8:54am

Blake 500 Anos de Roubos. Vamos Retomar a Verdadeira Ordem Nesse País. Culturar Dessas Gerações Passadas o que lhes Foi Tirado. Mostrar para Os Governantes que Não Queremos Mais os Espelhos nos Deitando, AQUI NÃO É A DISNEYLÂNDIA...
Like · Reply · 13 · June 18, 2013 at 8:03am

Gabriel Bom é isso! Força Brasil. Adeus Corrupção e bem vindo Revolução

REIVINDICAÇÕES PARA AS MANIFESTAÇÕES. REPASSEM... See More
Like · Reply · 9 · June 18, 2013 at 9:45am
3 Replies

Album: Timeline Photos
Shared with: Public
Tag This Photo
Open Photo Viewer
Download
Embed Post
Report Photo

Fonte: Facebook

A postagem acima foi publicada no dia 19 de junho de 2013 e obteve 15,898 curtidas e 35,025 compartilhamentos, fato inusitado no Facebook, uma vez que o normal é que se tenha mais *likes* do que *shares*, como visto no capítulo 2. Após utilizarmos o filtro *top comments* do próprio Facebook, nos ateremos aos comentários printados na figura.

As falas relatam experiências distintas, anseios e desejos também distintos, devemos lembrar que a multidão não é uníssona, e se fossemos analisar todos os comentários recebidos apenas por essa postagem, perceberíamos tantas maneiras de afetar/ser afetado quanto possível. Pois, segundo Jorge Larrosa (2002), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LARROSA, 2002, pg. 20), a experiência ainda que tenha acontecido em um ambiente coletivo é um processo de subjetivação e como tal afeta cada um de uma forma, não podemos encará-la de forma objetiva

No primeiro comentário da figura, do usuário Gabriel, podemos perceber uma tentativa de pautar o movimento, mas sem perder de vista o caráter cooperativo inerente a multidão. Pedindo objetividade nas reivindicações, ele propõe um experimento a nível político muito interessante, pois é embasado em uma ideia de democracia direta, sem o intermédio de políticos para a governança. Se interpretarmos a curtida como um voto, e o comentário como proposta, a proposta de Gabriel foi aprovada por seus pares. Podemos ser categóricos ao afirmar que a experimentação proporcionada pelas jornadas de 2013 é uma experiência autoformativa, na medida em que incitou os sujeitos a pensar e agir de maneira autônoma. Cabe dizer que autonomia e autoformação não são autosuficiência, enquanto a última se dá no isolamento, os dois primeiros acontecem na relação com outros sujeito e na ação no mundo. O próprio fato deste usuário ter falado através da sua postagem, demonstra o caráter radical desse processo autônomo, já que

o que é mobilizado no decorrer do processo produtivo não é apenas o conteúdo de que dispõe uma pessoa, mas sobretudo sua habilidade em se comunicar e se apropriar dos diferentes conteúdos que circulam e que se modificam continuamente, interferindo em seu curso e se colocando estrategicamente no interior do processo. (MENDES, 2010, p.118-119)

À multidão compete as práticas criadoras e produtivas que formam uma alternativa ao modelo imperial. Nesse sentido, o processo é tão importante (ou mais) que o resultado. Em uma recente entrevista sobre a influência de Foucault em seu trabalho, Negri diz que “a revolução, para Foucault, não é, em todo caso, somente uma perspectiva de libertação. Ela é uma prática de liberdade.” (NEGRI, 2013).

Se o usuário Gabriel fala, sem saber do que se trata, ou não, pouco importa, sobre uma experiência de democracia direta; a usuária Paula propõe uma melhoria para o nosso atual modelo democrático por representação indireta. Segundo ela, a democracia passa pela escolha do ato de votar e uma melhor divisão do tempo de televisão para candidatos e partidos. Embora seja uma proposta conflitante à de Gabriel, podemos perceber o quanto a página AnonymousBrasil se configura como um espaço de autoformação e seus possíveis devires que se co-constroem em movimento, pois possibilita a troca entre sujeitos que vêm de lugares diferentes.

As experiências e afetos vividos pela multidão contribui para sua autoformação política, esse tipo de formação se distancia daquela oferecida pelo espaço escolar. A formação com base na experiência de estar na manifestação não pode ser analisada sob uma perspectiva formal e disciplinar, onde um valor é ensinado, pois ela se configura como uma busca de investimentos para procurar constituir uma verdadeira transformação de/em nós mesmo. Aquele que a experimenta é convidado a formar sentidos “com” e “em” movimento.

Para fechar, buscamos a fala do usuário Marcelo aqui transcrita: “Vamos parar o Brasil até que nossas vidas mudem, até que nossos salários mudem” (FIGURA 5). Nessa fala, está presente o tom de humor recorrente nas ruas durante as jornadas, que surgiu como um contraponto a truculência policial, e há também uma boa síntese do que representa a trinca autoformação-multidão-comum. Vislumbramos aqui uma positivação do biopoder. Ora, se como falado no capítulo 1 o biopoder consiste em uma tecnologia que investe no controle da vida, por que não transformá-la em tecnologia que investe na vida? Não apenas na vida dos poucos privilegiados que acessam os fluxos de lugares privilegiados na rede, como também, na vida dos “desplugados”. Pensar dessa forma é pensar em uma produção do *comum*.

Para Michael Hardt e para mim, produzir subjetividade é, de fato, encontrar-se numa metamorfose que conduz ao comunismo. Em outras palavras, penso que a nova condição imperial na qual vivemos (e as condições sociopolíticas em que construímos nosso trabalho, nossas linguagens e, em consequência, a nós mesmos) colocam no centro do contexto biopolítico aquilo que nós chamamos de comum. Não o privado ou o público, não o individual ou o social, mas sim o que, em conjunto, construímos para assegurar à humanidade a possibilidade de se produzir e de se reproduzir. (NEGRI, 2013)

Pensar esse conceito nos parece um convite para vivê-lo, indisciplinando o espaço público em seus diversos níveis: ocupando, manifestando, intervindo e buscando o direito de existir; parece-nos, também, um convite tentador a pensar novas formas de produzir, criar e

coproduzir que não encontram par na atual arte política. A multidão tem disso, é preciso mergulhar o corpo no movimento para entendê-la.

Para o leitor ou leitora que estiver sentindo falta da análise da página do Facebook Anonymous Rio, o apêndice 1 trará seus gráficos e figuras. As possibilidades de interpretação da mesma são muitas, como a de todo trabalho, e o/a leitor/leitora está convidado(a) para formar sentidos com o material disponível. Também estará no apêndice os gráficos e tabelas da página AnonymousBrasil que não foram trazidos para o corpo do texto, fosse por falta de espaço, ou por falta de contexto para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Que esto no es crisis. Se llama capitalismo”

A frase que inicia esse fechamento da dissertação foi importada do levante espanhol de 2012, e dialoga com os momentos políticos enfrentados no Brasil e em outros países. Após os levantes de junho de 2013, experimentamos rapidamente uma tentativa de democratização real e uma breve horizontalidade das decisões políticas. Houve a proposta de um plebiscito constituinte, o aceno do investimento dos royalties do petróleo na educação, dentre outros. Entretanto, hoje vivemos um novo processo de manifestações um tanto diferentes daquele vivido em 2013. Após os resultados das eleições de 2014, em que a candidata a reeleição Dilma Rousseff saiu vitoriosa, e também os primeiros desdobramentos da Operação Lava-Jato já em 2015, um novo processo de manifestações foi desencadeado. Ao contrário de 2013, as manifestações de 2015 tinham claros contornos retrógrados e reacionários. Isso significa que no lugar da multidão o império tomou as ruas? Talvez. Basta ver o posicionamento da grande mídia em relação às mais recentes, que ajudou a convoca-la e fez uma cobertura hora a hora do acontecimento. Mas também é claro que as manifestações de 2015 são um efeito das de 2013, e que ambas, para além das diferenças conceituais e de projeto, compartilham alguns pontos, como o desejo de mudança, por exemplo. Retomo o conceito de evento debatido no capítulo 3, os protestos de 2013 criaram um precedente, para que acontecesse os protestos de 2015. Isso quer dizer que o que de bom 2013 trouxe como os projetos radicais, revolucionários e inovadores foram descartados? Não, isso apenas reafirma a própria natureza do poder. Ele é irresistível e irreversível se espalhando por todo tecido social sendo impossível tomá-lo na mão.

Neste ponto convém dizer que nossa principal preocupação com a pesquisa foi dar um pontapé para fora da máquina disciplinar que é a escola, buscando entender a correlação entre a autoformação e a Educação. O ponto base da nossa pesquisa não foi negar ou ratificar o movimento, e sim, investigar os efeitos que ele produziu e ainda produz na sociedade. Tomamos emprestado um trecho do livro *Império* (2004), “nossa análise deve concentrar sua atenção na dimensão produtiva do biopoder” (HARDT E NEGRI, 2005, pg. 46). O processo árduo enfrentado fez com que deixássemos para traz alguns pontos relevantes para a discussão, fato que é natural de uma pesquisa acadêmica e que pode ser interpretado como um rastro a ser seguido para que quiser enveredar por caminhos semelhantes. Discussões sobre o papel das ruas na autoformação dos sujeitos, sobretudo focando nos movimentos sociais e suas muitas assembléias que ocorreram no período, foi uma das lacunas deixadas. Ou se

quisermos continuar falando do espaço virtual *online*, muito pouco se produz no Brasil sobre o importante papel do Facebook como um agente formador da juventude brasileira.

Nesse trabalho de pesquisa, procuramos apontar as jornadas de 2013 como um agente formador, ou melhor como um agente autoformador, na medida em que possibilitou a experimentação autônoma e radical dos sujeitos que se deixaram afetar, e nós, mestrando e orientadora aí incluídos. A perspectiva da autoformação se torna um assunto muito interessante, uma vez que traz consigo uma forte dinâmica colaborativa, livre, aberta e comunicativa que reflete o trabalho e a sociedade contemporâneos. Para traçar um panorama geral disso, procuramos conjugar a manifestação, a rede social e seus possíveis efeitos na formação dos sujeito por meio de uma investigação que tentou mapear esses universos de possibilidades em busca de linhas que fizessem aparecer a autoformação política.

Em uma das manifestações em apoio à greve dos professores da rede municipal e estadual do Rio de Janeiro em outubro de 2013, havia um cartaz que dizia “Juntos! Porque a rua é a maior escola do Brasil”, naquele dia, ainda sem saber exatamente por onde a pesquisa iria, pensamos em muitos caminhos escalafobéticos³⁴ para dar a ela, mas pouco a pouco fomos deixando os exageros de lado, e nos concentrando no que era possível fazer.

Nesse curto e intenso processo de pesquisa alguns pontos não foram desenvolvidos; algumas perguntas não foram suficientemente bem respondidas, e, com certeza, muitas outras perguntas apareceram no processo, e continuarão aparecendo. Espero.

³⁴ Aqui inteiramente por parte do mestrando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOYD, Danah M & ELLISON, Nicole B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication (Rev.)*. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/JCMCIntro.pdf> . Acessado em 19 de abril de 2015.
- BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. 2012. Disponível em: http://www.exodo.net/cartografias/wp-content/uploads/2014/02/Rastros-digitais-atores-redes_Fernanda_Bruno.pdf.> Acessado em 19 de abril de 2015.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. 2ª edição; Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- CRUZ, Priscila Aparecida Silva; FREITAS, Silvane Aparecida de. Disciplina, Controle Social e Educação escolar: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault. *Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília*. (online) São Paulo, n° 7. P. 36-49, 2011.
- COCCO, Giuseppe, VILARIN, Gilvan. O Capitalismo Cognitivo em Debate. *Liinc em Revista*. (online) Rio de Janeiro, p. 148-151 v.5, n.2, setembro, 2009
- COCCO, Giuseppe, NEGRI, Antonio. *Global: Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ESCÓSSIA, Liliana da, TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiências cartográficas. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana de (Orgs.). *Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. ed.7°. Tradução Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- _____. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985a.
- _____. *A Ordem do Discurso*. ed. 5°. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *Microfísica do poder*. 1ª ed. Organizações e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- FRANCO, Monique. *Acesso ao ensino superior, território e governo da juventude urbana no contexto da sociedade do conhecimento*. 2012
- FRANCO, Monique, LEAL, Rita. *Currículo sem fim ou entre a toupeira e a serpente: dos moldes e às modulações*. Disponível em: reuniao.anped.org.br/textos/gt12/gt121362int.rtf> Acesso em: 15/04/2015
- GALLO, Silvio. *Deleuze&Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008
- GERBAULDO, Paolo. *Populism 2.0*, in: *Social Media, Politics and the State*. Routledge, 2014.
- HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf> Acesso em: 15/04/2015
- NEGRI, Antonio. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. *Entrevista: A constituição do comum*. Disponível em: <http://fabiomalini.files.wordpress.com/2007/03/a-constituicao-do-comumtraducao>.

doc. Acessado em 19 de abril de 2015.

_____. Entrevista: A luta por “Democracia Real” no coração de Occupy Wall Street. Disponível em: < <http://redecastorphoto.blogspot.com.br/2011/10/luta-por-democracia-real-no-coracao-de.html> > Acessado em 19 de abril de 2015

_____. Entrevista: O comum: dos afetos à construção de instituições. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/1948/>> Acesso em: 15/04/2015

_____. Entrevista: Toni Negri fala sobre Foucault. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/entrevista-toni-negri-fala-sobre-foucault/>> Acesso em: 15/04/2015

PASSOS, Eduardo, BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana de (Orgs.). Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia. Cartografar é traçar um plano comum. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1109/870>> Acesso em: 15/04/2015

SALZTRAGER, Ricardo. Fenômenos de Massa e Servidão Voluntária. Revista Digital AdVerbum 6. 2011

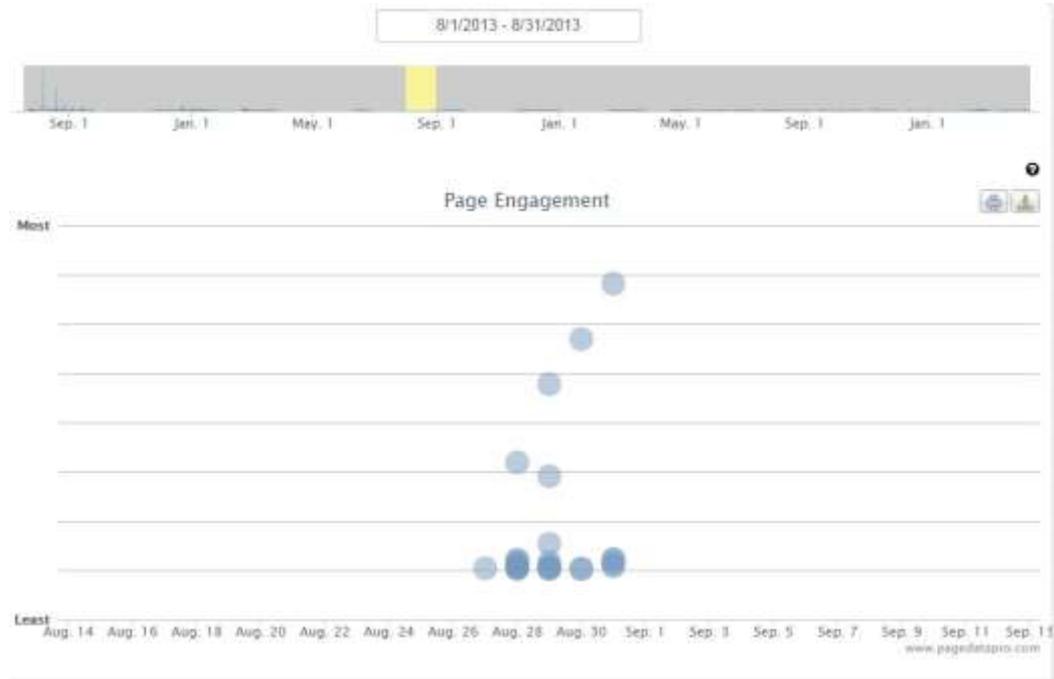
TERRANOVA, Tiziana. Securing the Social: Foucault and Social Networks. In: Sophie Fuggle, Yari Lanci and Martina Tazzioli ed Foucault and the History of the Present, Palgrave Macmillan 2015

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault e a Educação. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VOCABULÁRIO político para processos estéticos. Rio de Janeiro, 2014.

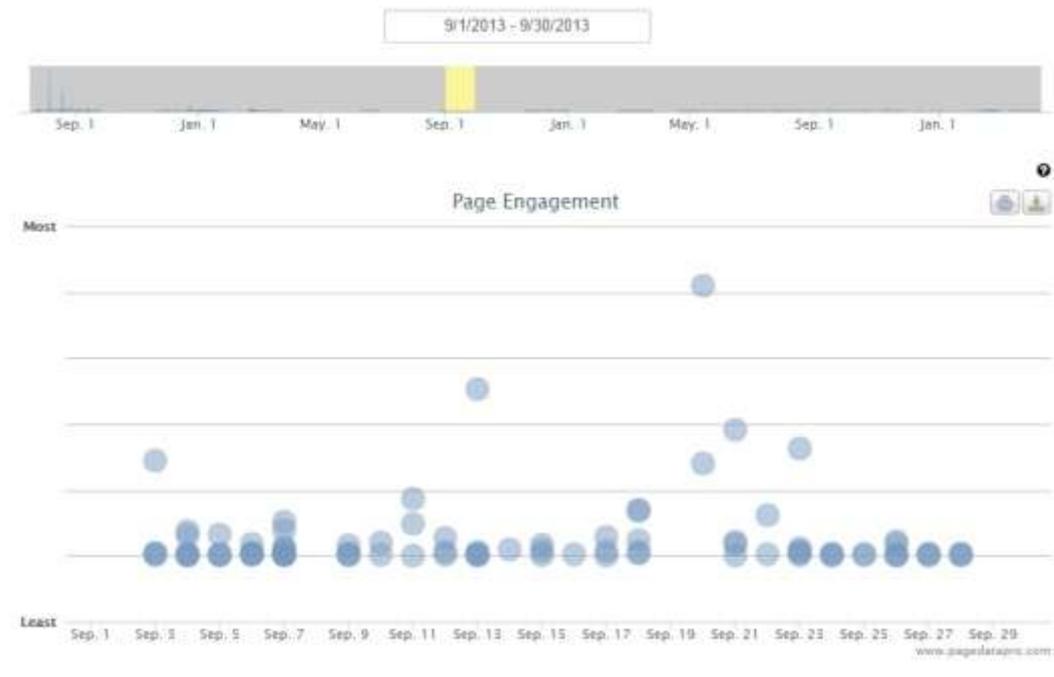
APÊNDICE A – os dados da AnonymousBrasil que não foram utilizados

Gráfico 19



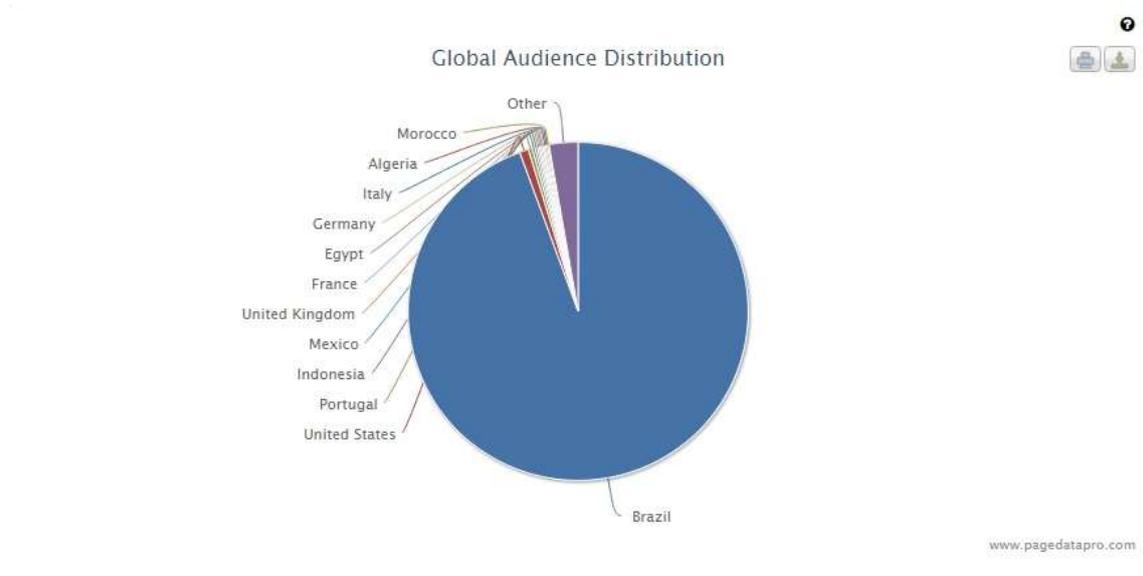
Fonte: O autor

Gráfico 20



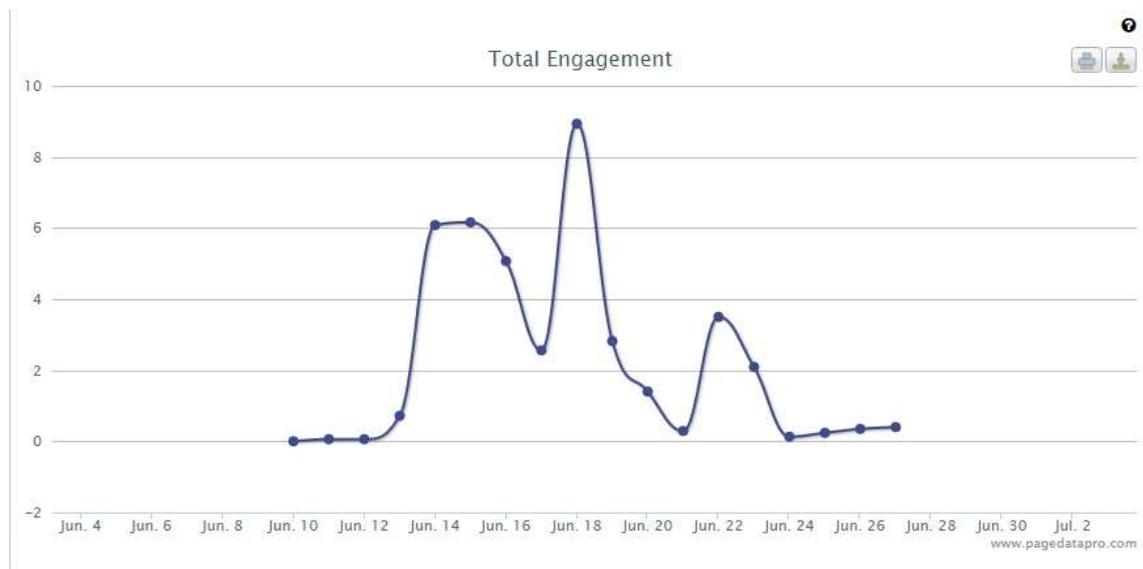
Fonte: O autor

Gráfico 21



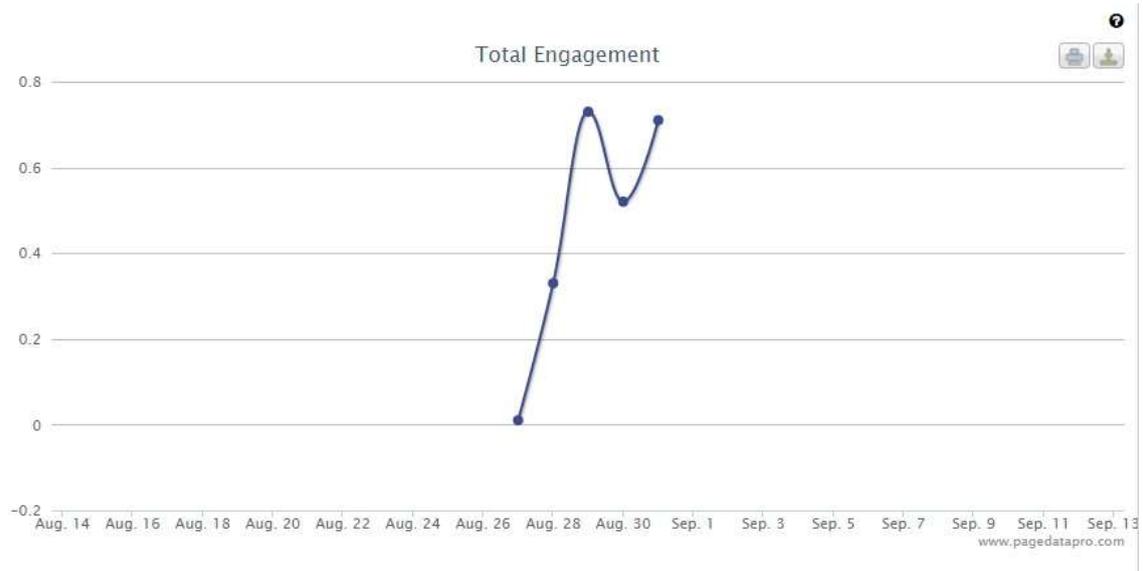
Fonte: O autor

Gráfico 22



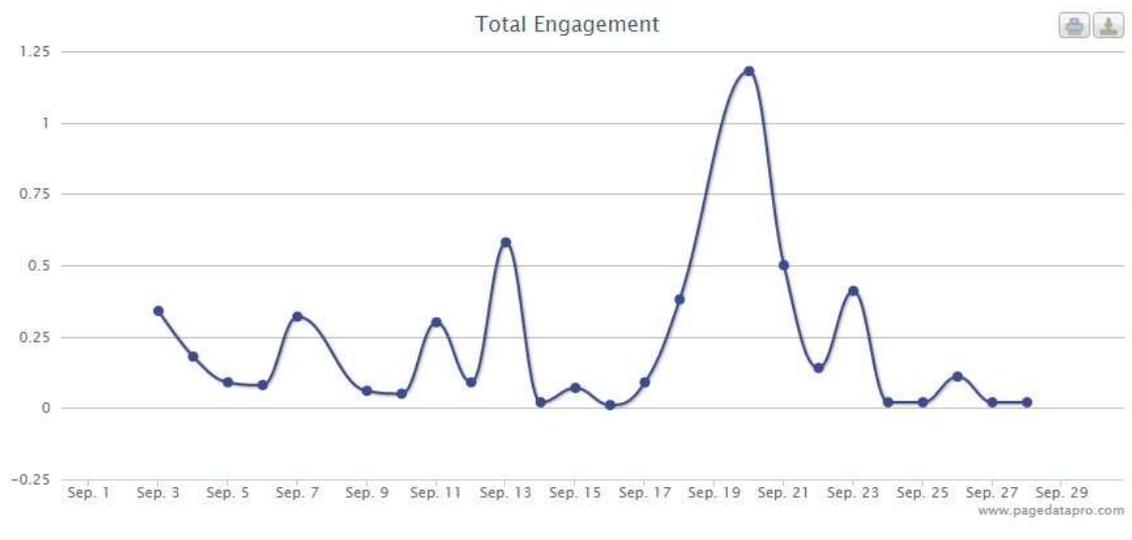
Fonte: O autor

Gráfico 23



Fonte: O autor

Gráfico 24



Fonte: O autor

APÊNDICE B – os dados da página Anonymous Rio

Gráfico 25



Fonte: O autor

Gráfico 26



Fonte: O autor

Gráfico 27

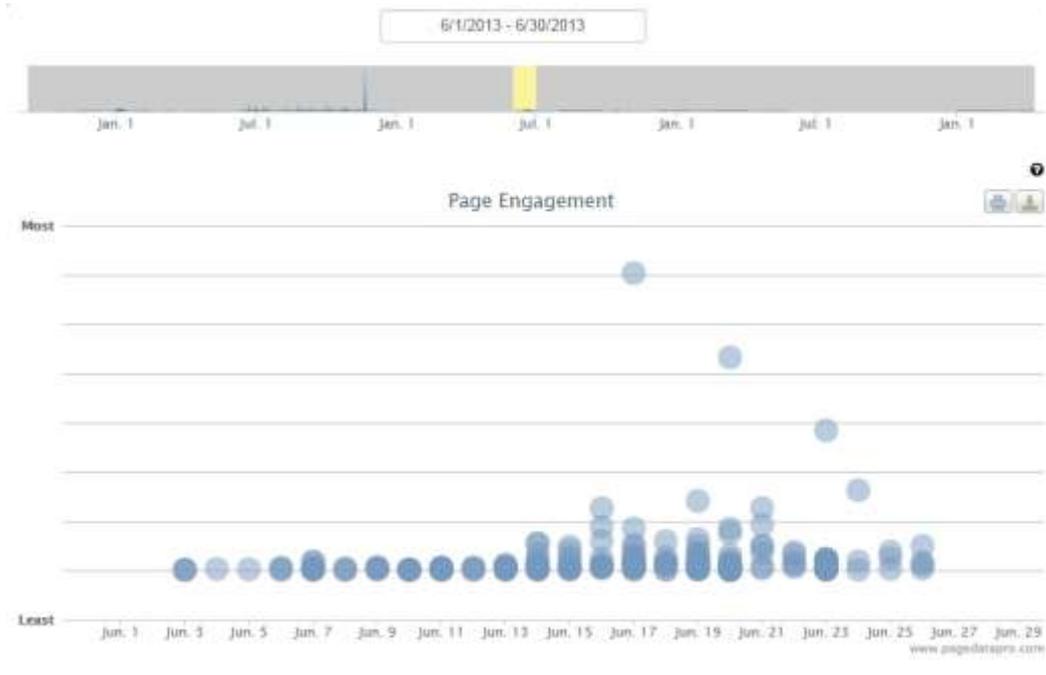


Fonte: O autor

Gráfico 28

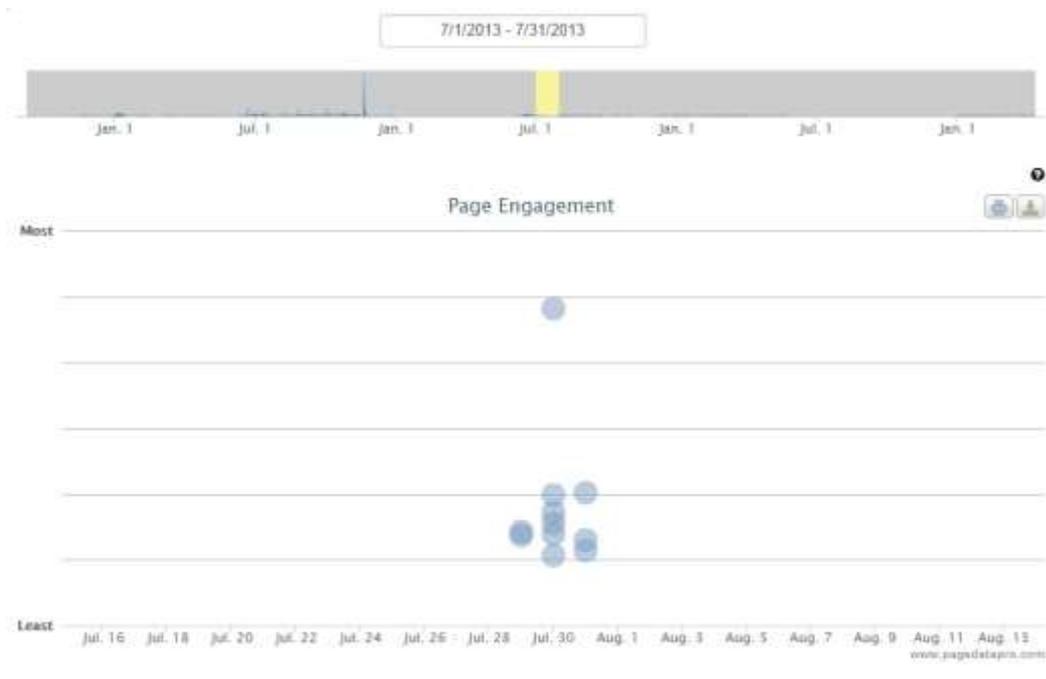


Gráfico 29



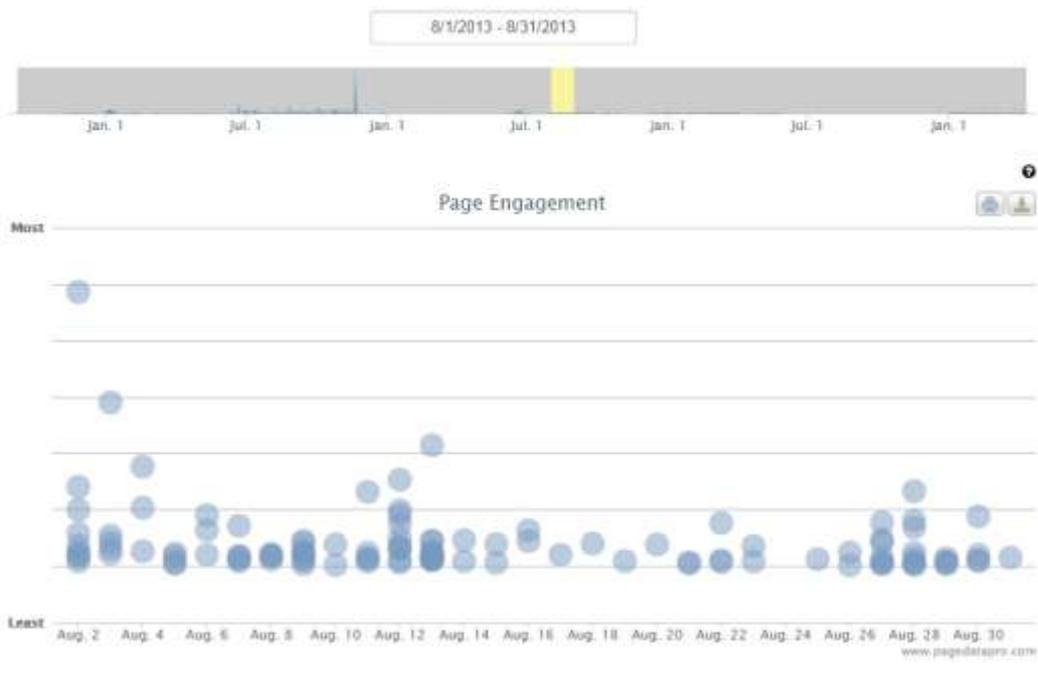
Fonte: O autor

Gráfico 30



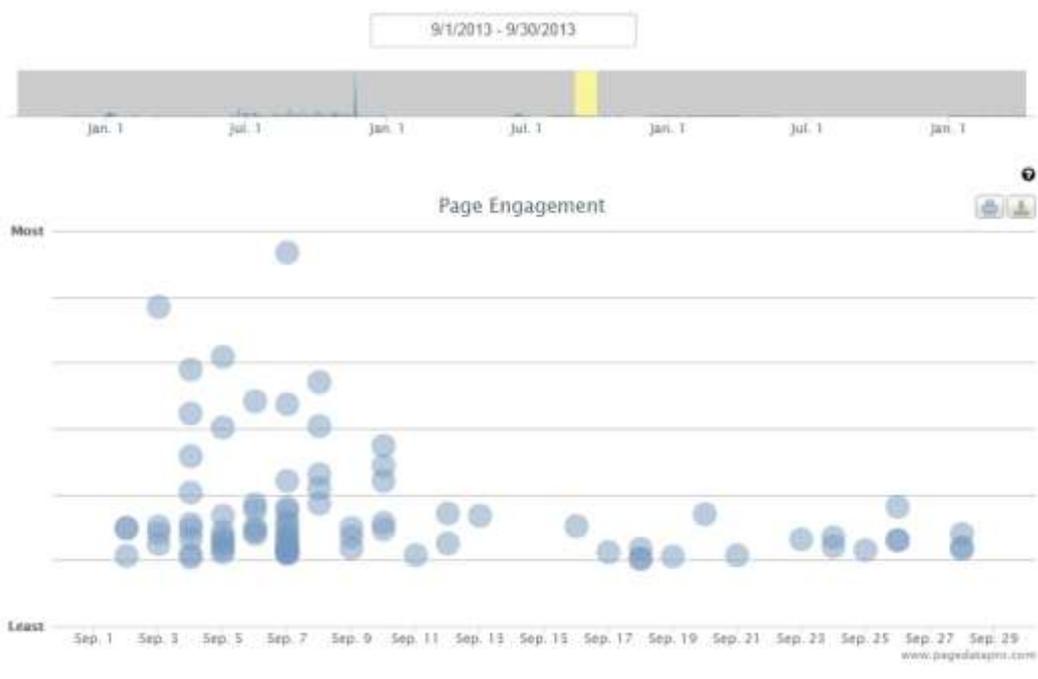
Fonte: O autor

Gráfico 31



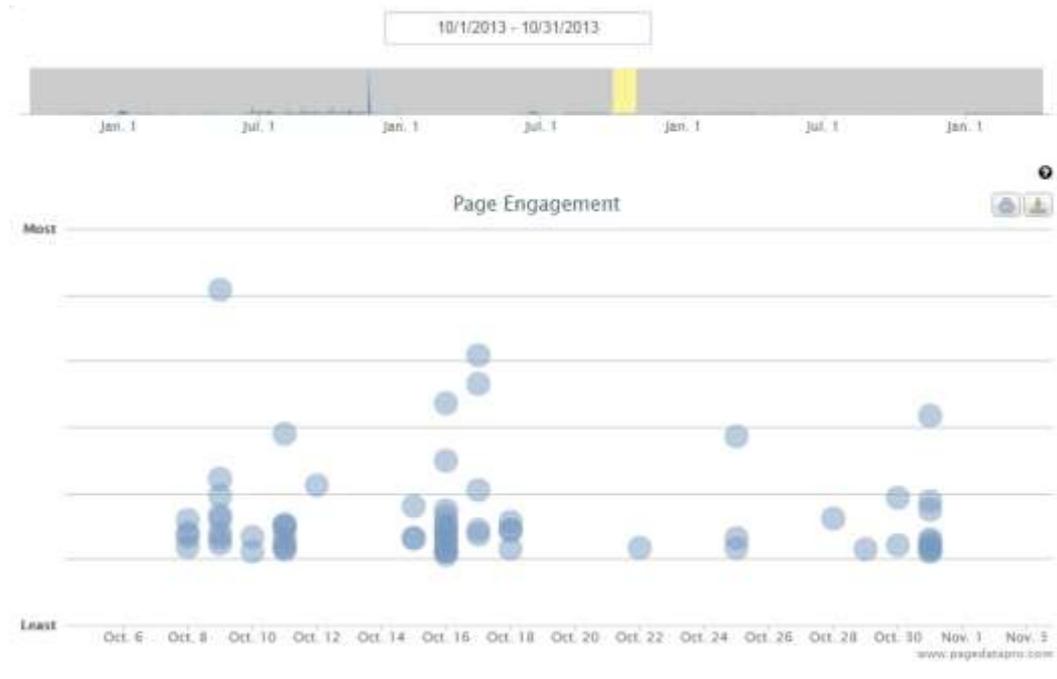
Fonte: O autor

Gráfico 32



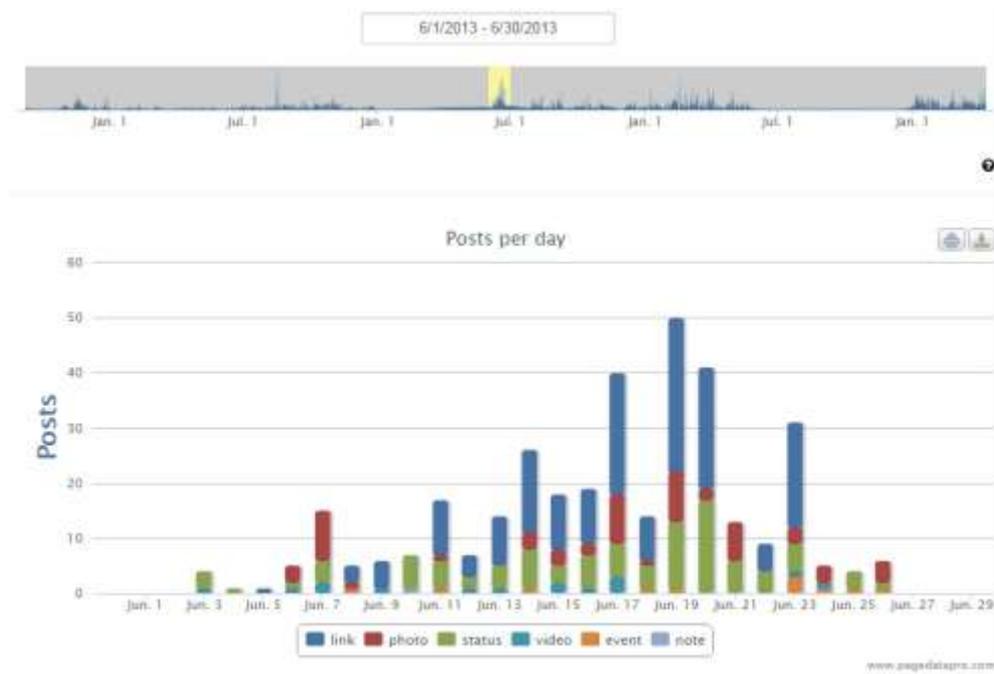
Fonte: O autor

Gráfico 33



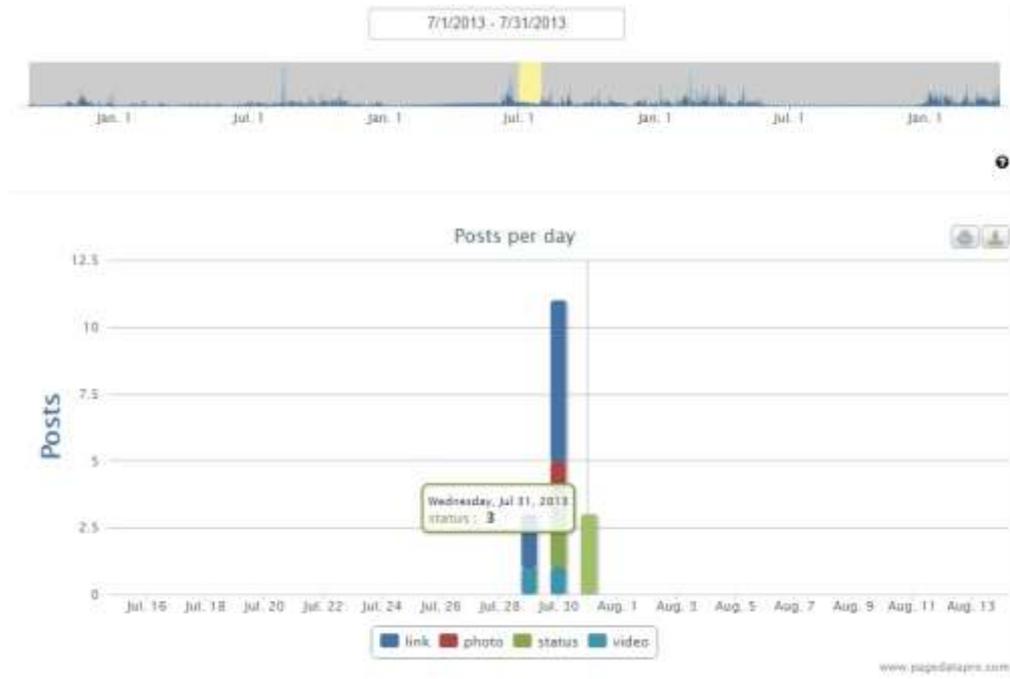
Fonte: O autor

Gráfico 34



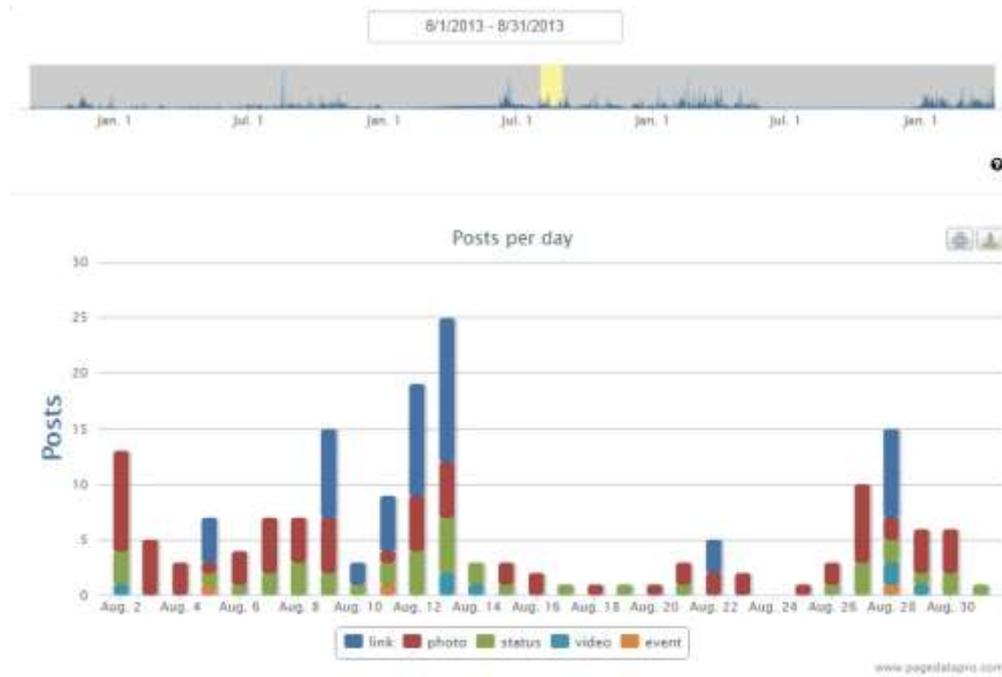
Fonte: O autor

Gráfico 35



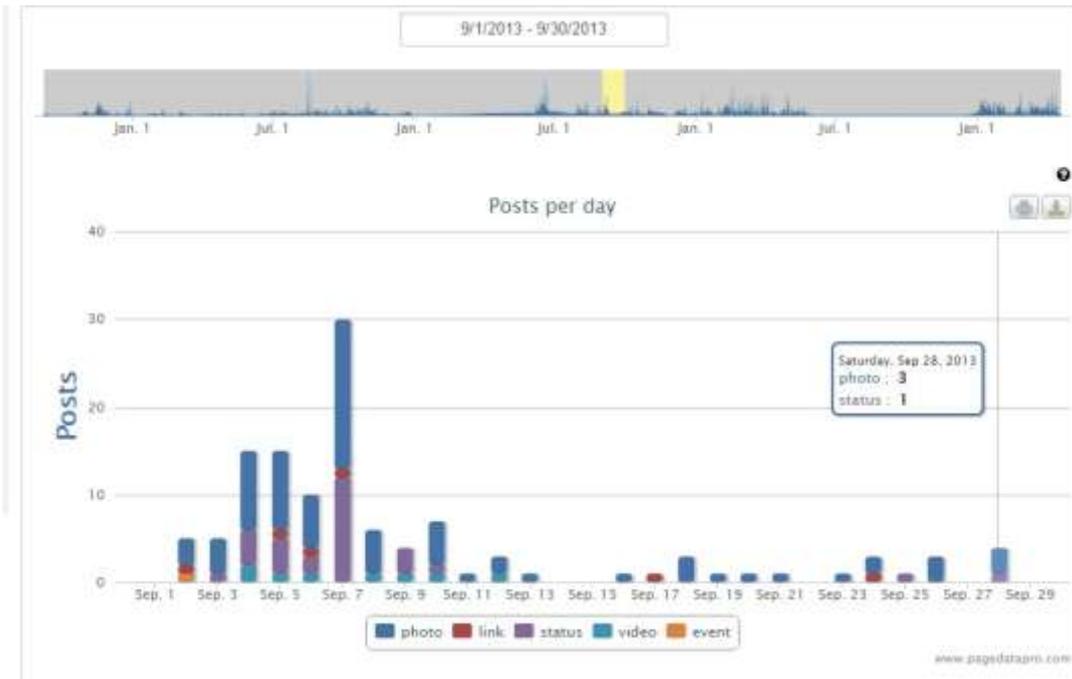
Fonte: O autor

Gráfico 36



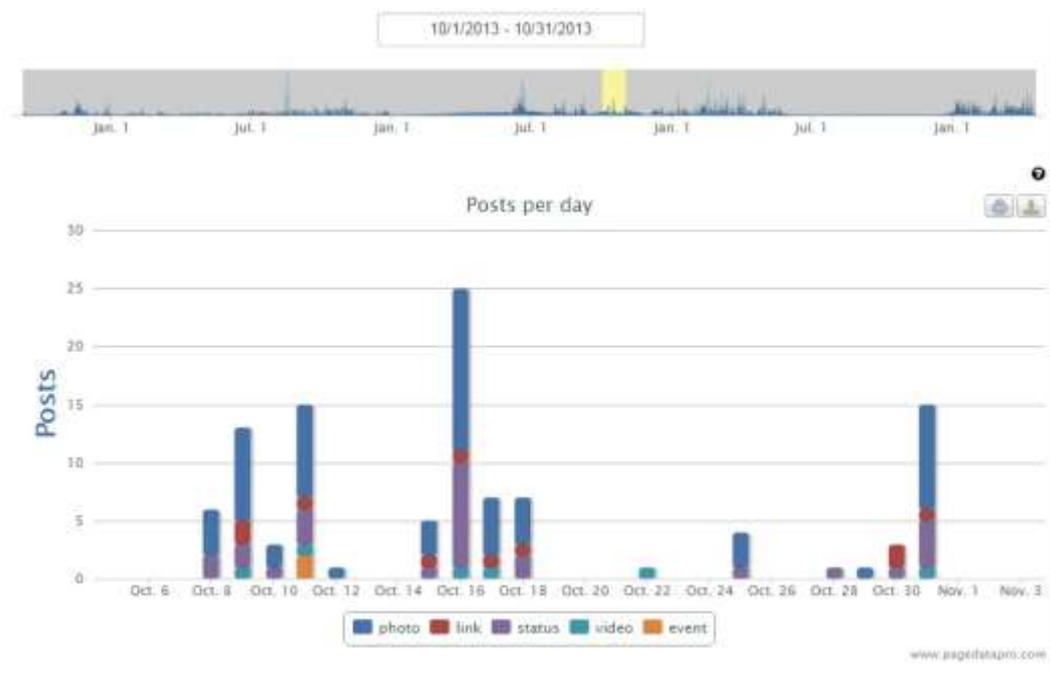
Fonte: O autor

Gráfico 37



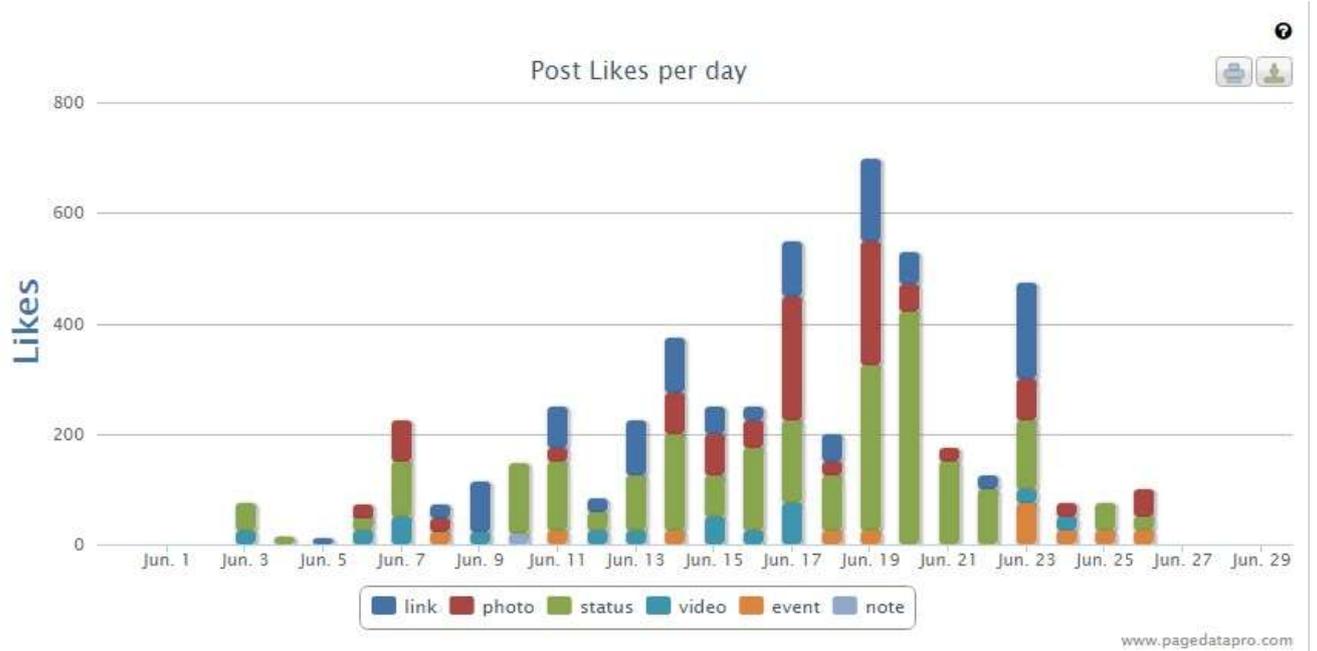
Fonte: O autor

Gráfico 38



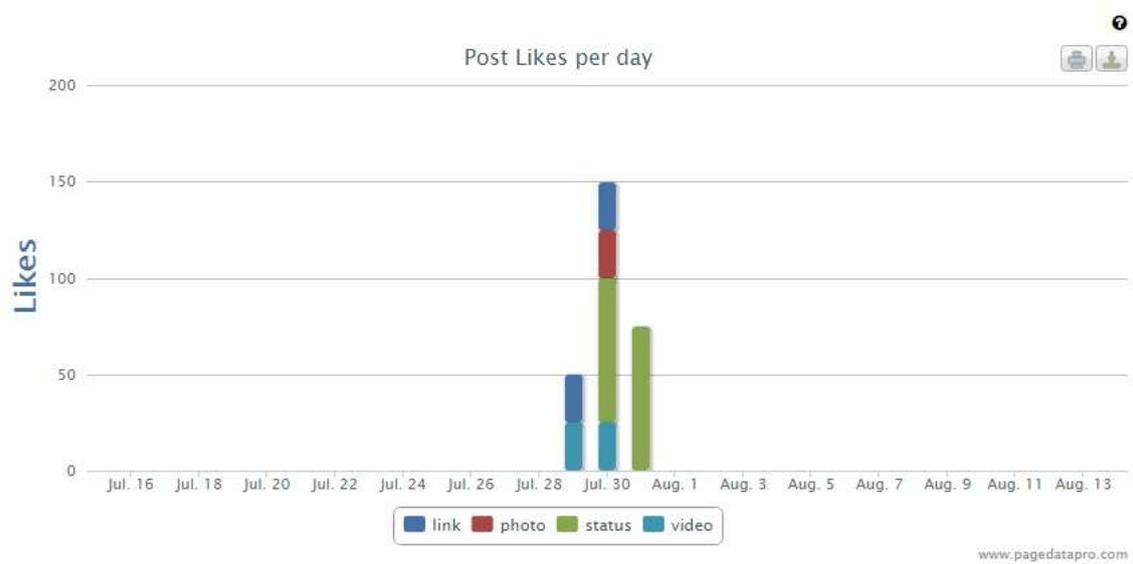
Fonte: O autor

Gráfico 39



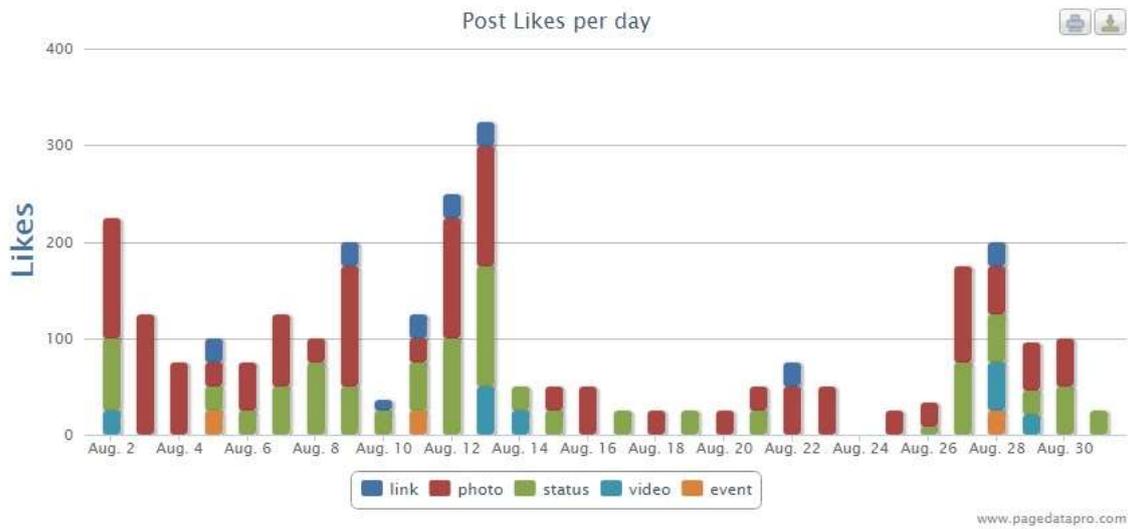
Fonte: O autor

Gráfico 40



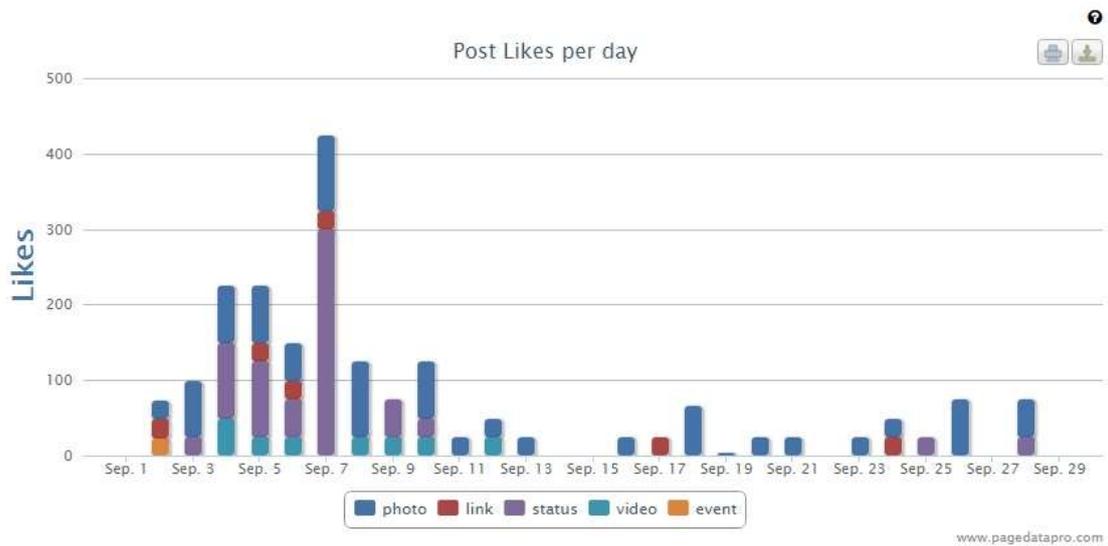
Fonte: O autor

Gráfico 41



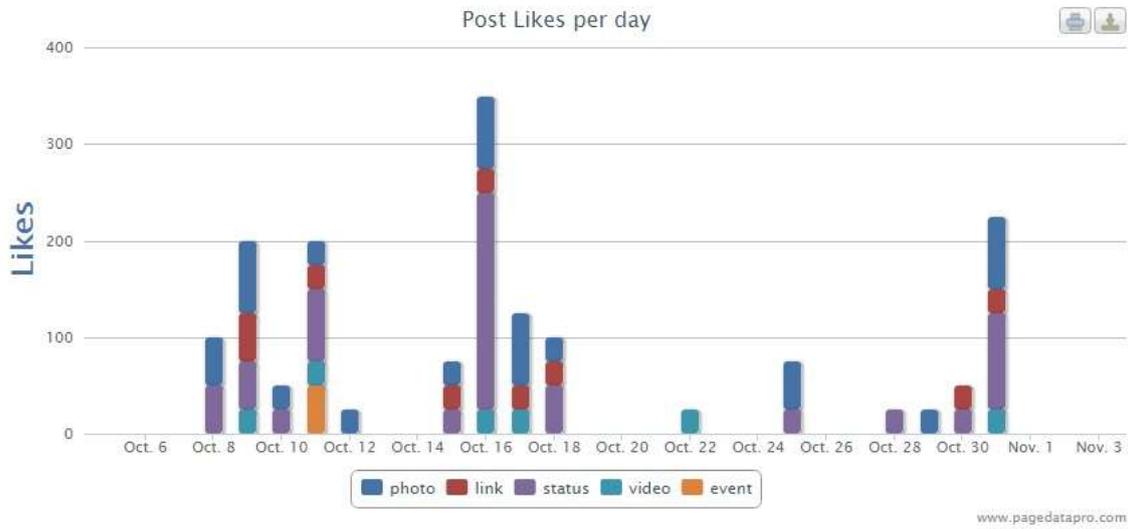
Fonte: O autor

Gráfico 42



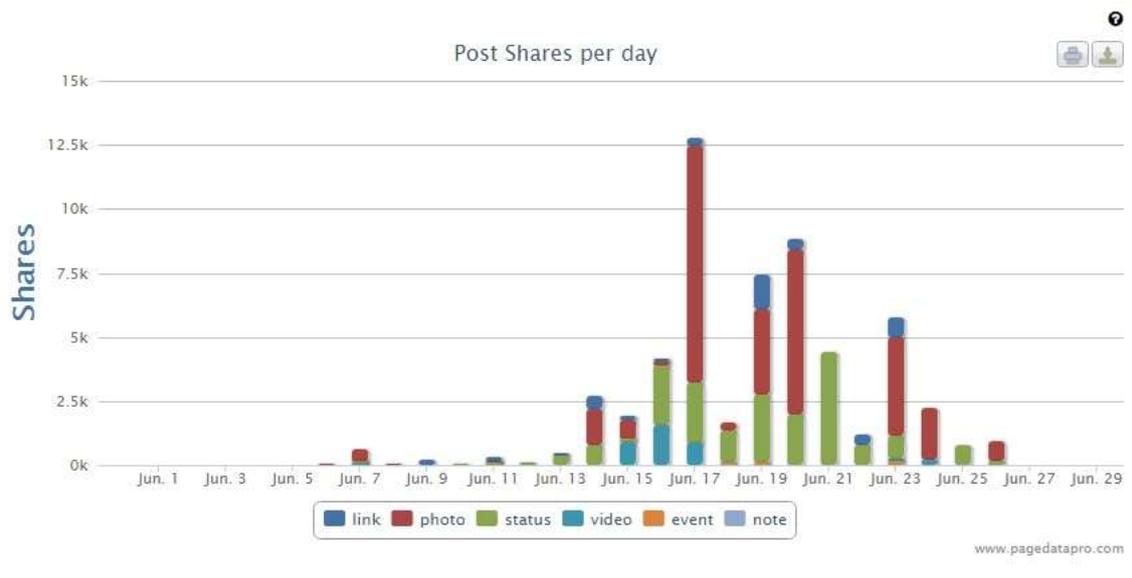
Fonte: O autor

Gráfico 43



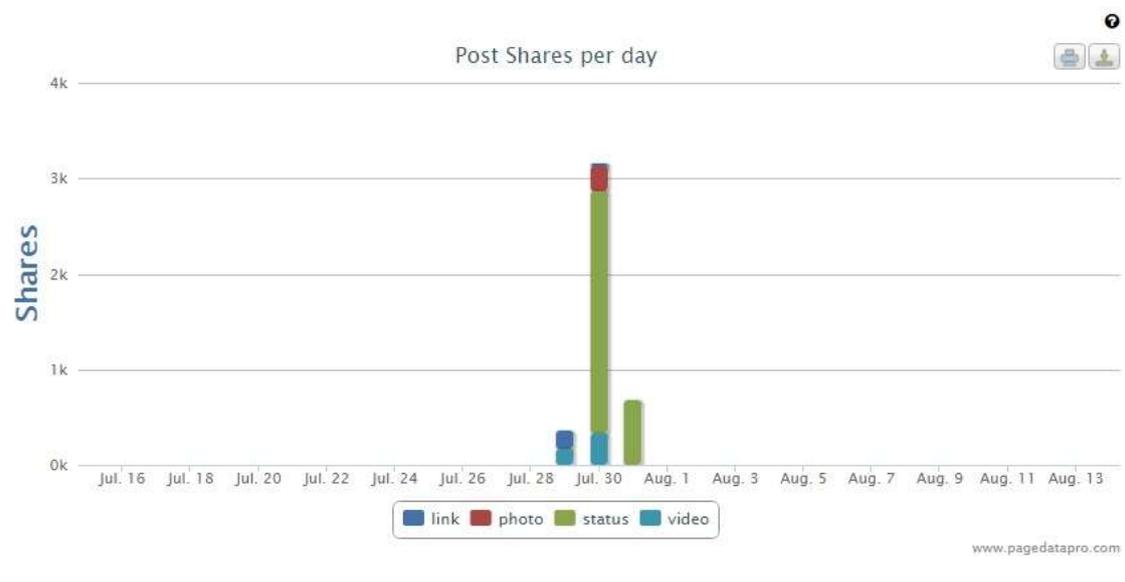
Fonte: O autor

Gráfico 44



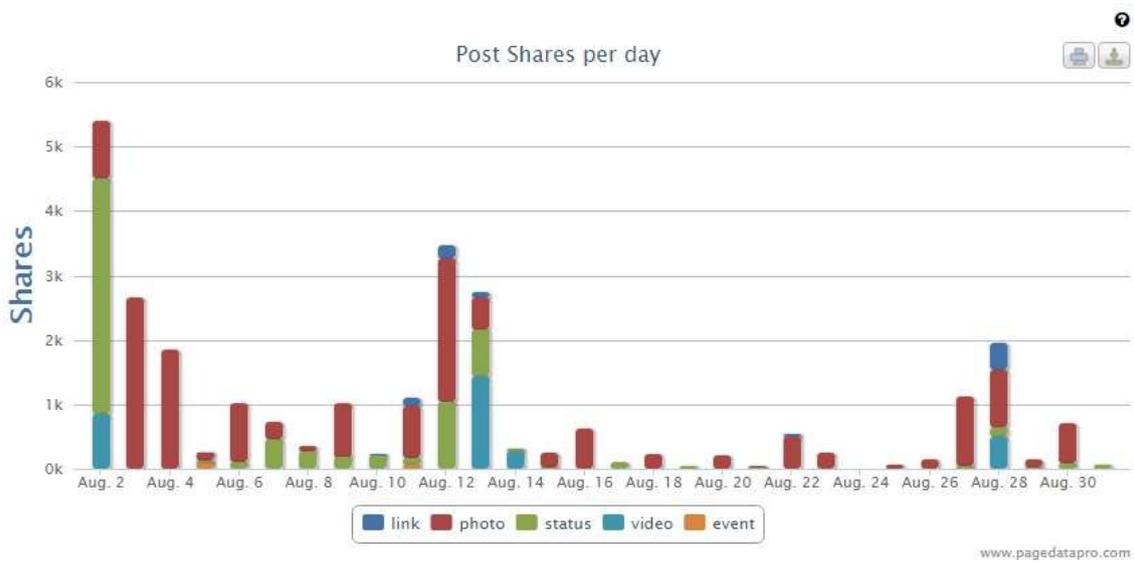
Fonte: O autor

Gráfico 45



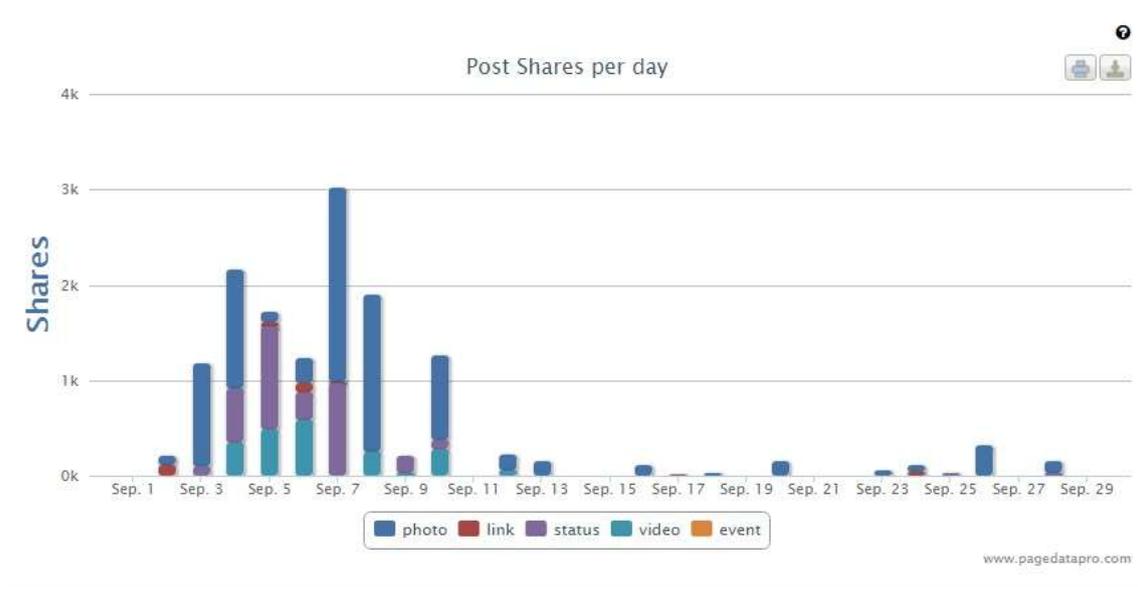
Fonte: O autor

Gráfico 46



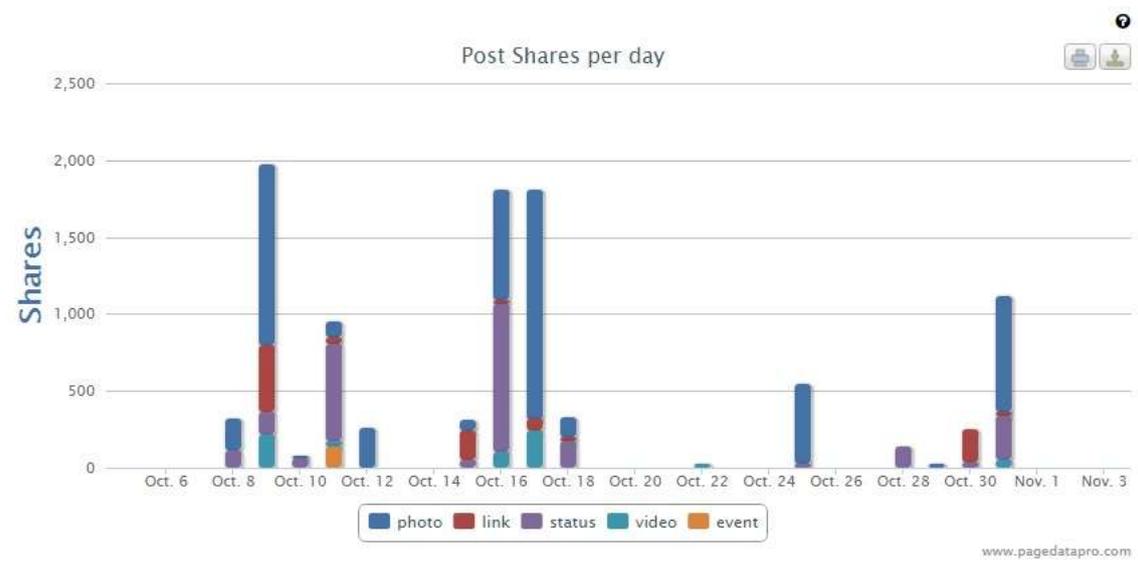
Fonte: O autor

Gráfico 47



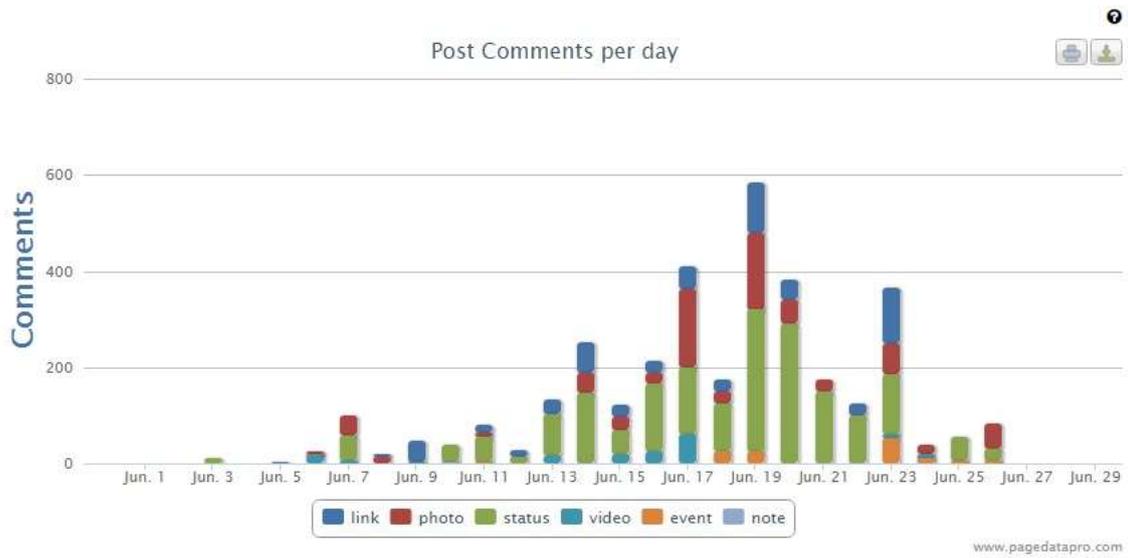
Fonte: O autor

Gráfico 48



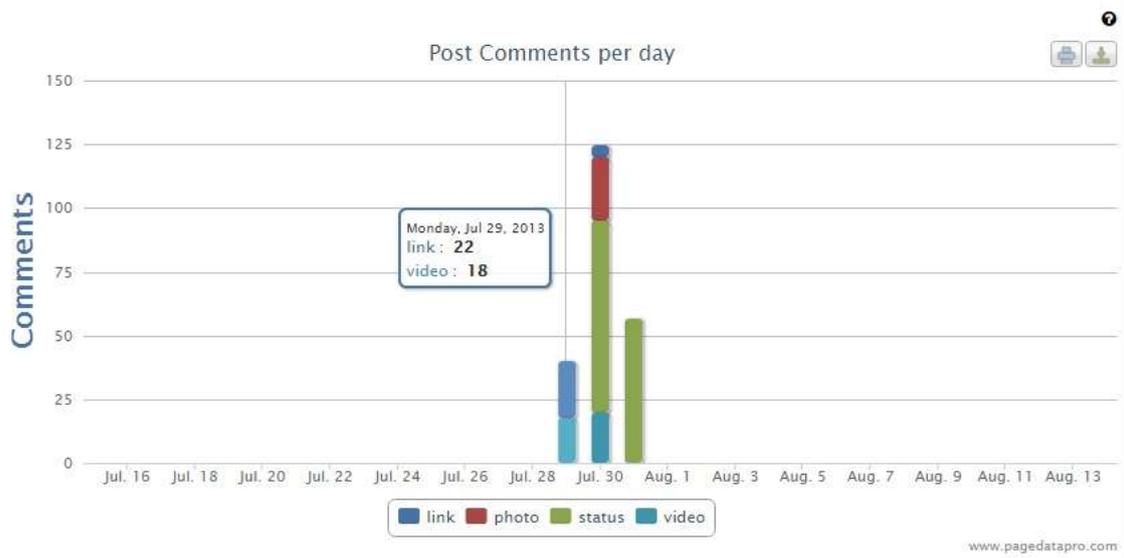
Fonte: O autor

Gráfico 49



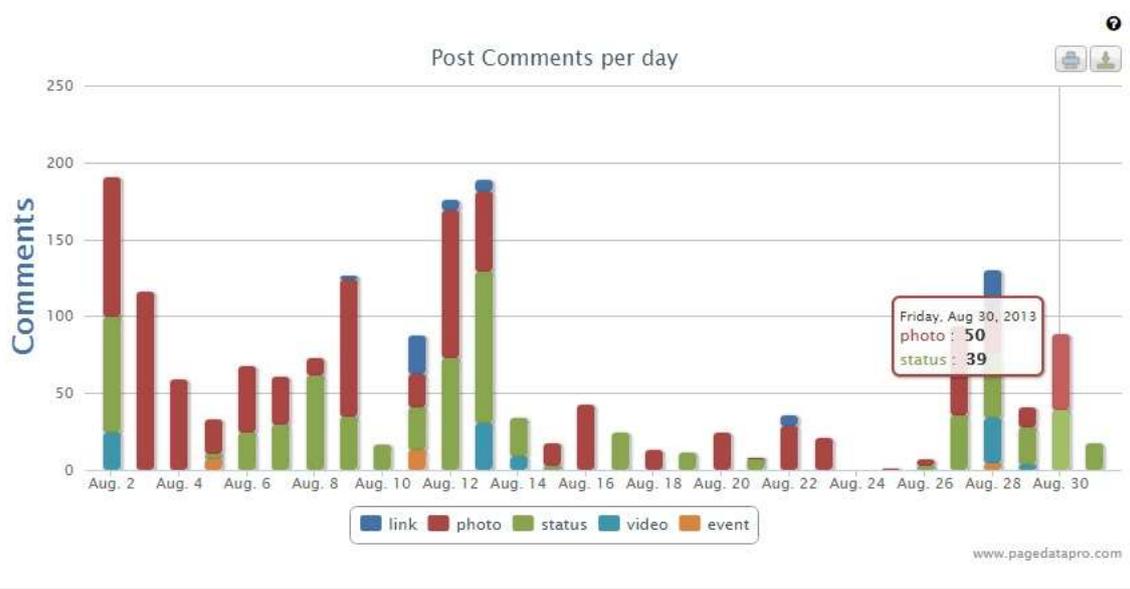
Fonte: O autor

Gráfico 50



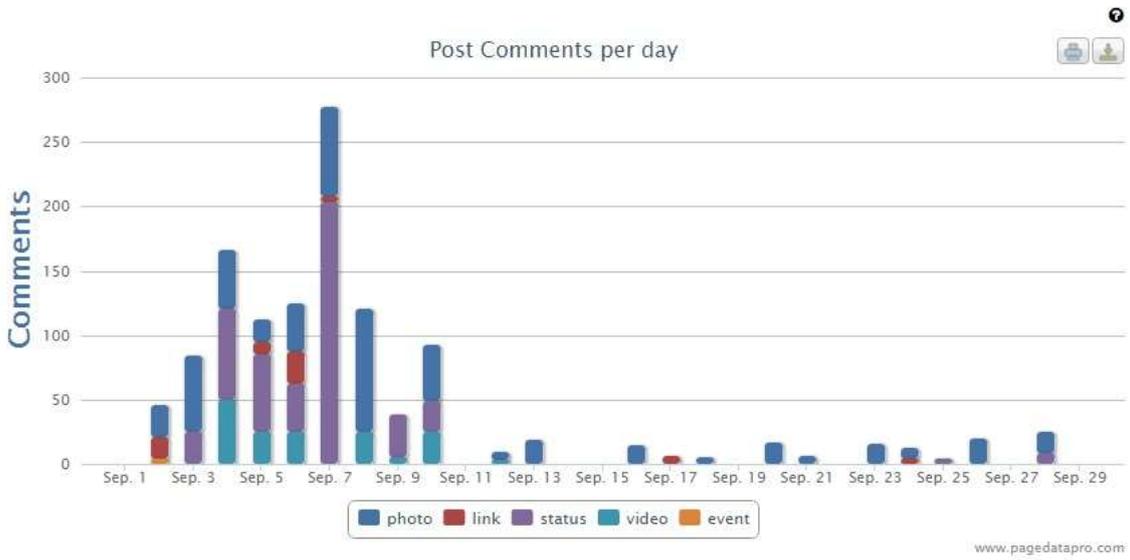
Fonte: O autor

Gráfico 51



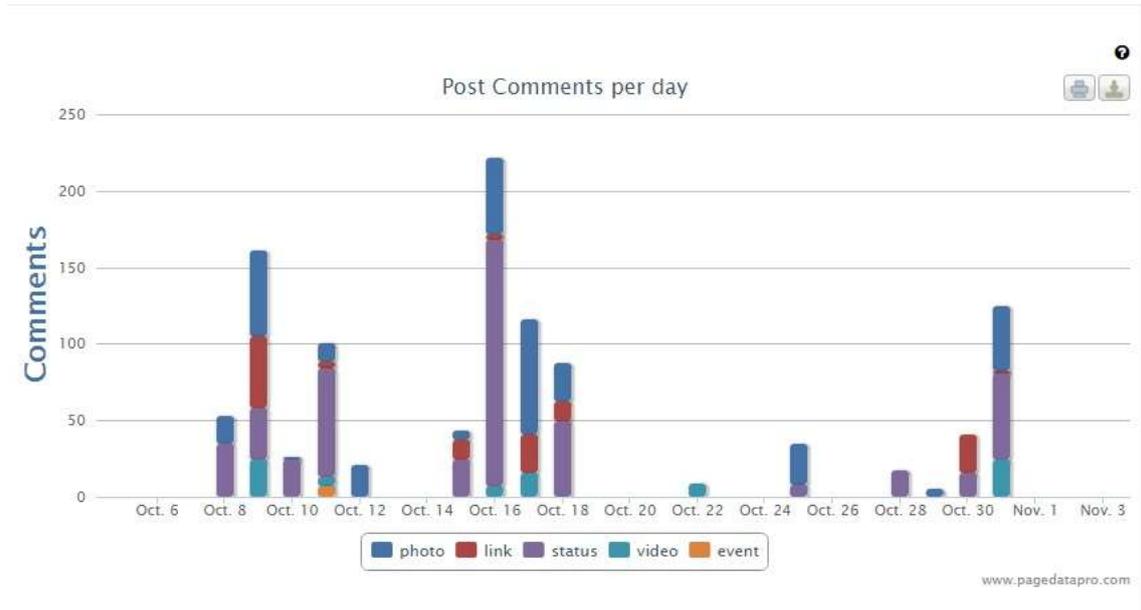
Fonte: O autor

Gráfico 52



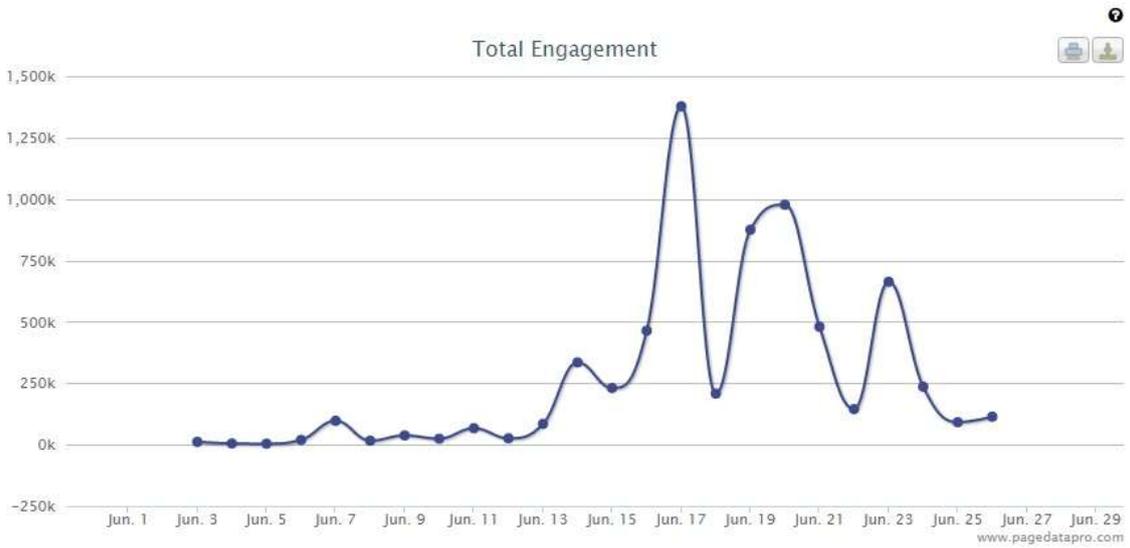
Fonte: O autor

Gráfico 53



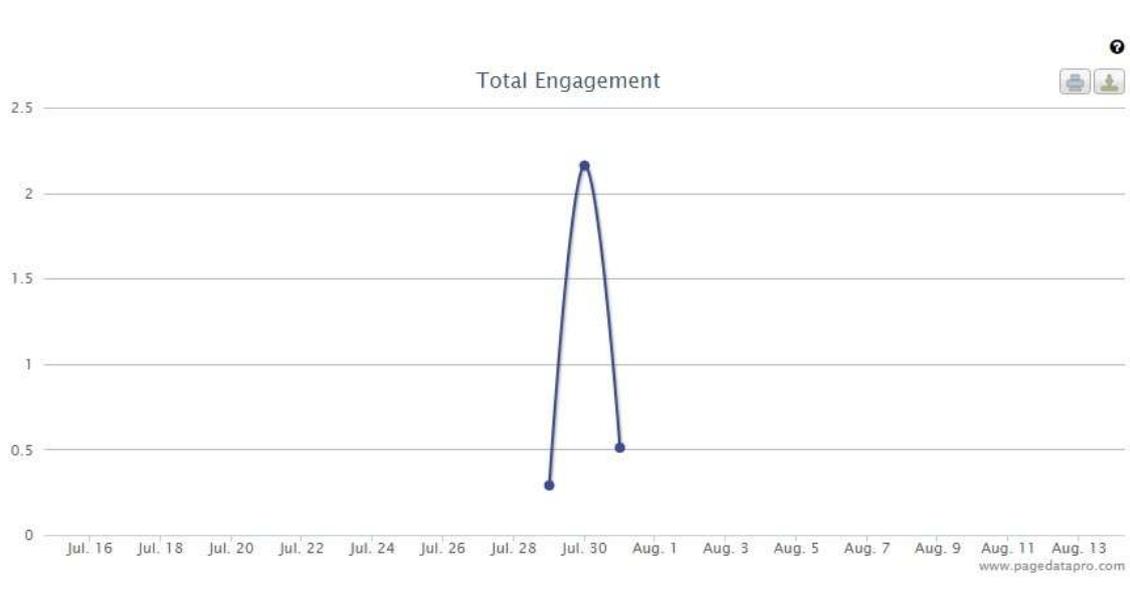
Fonte: O autor

Gráfico 54



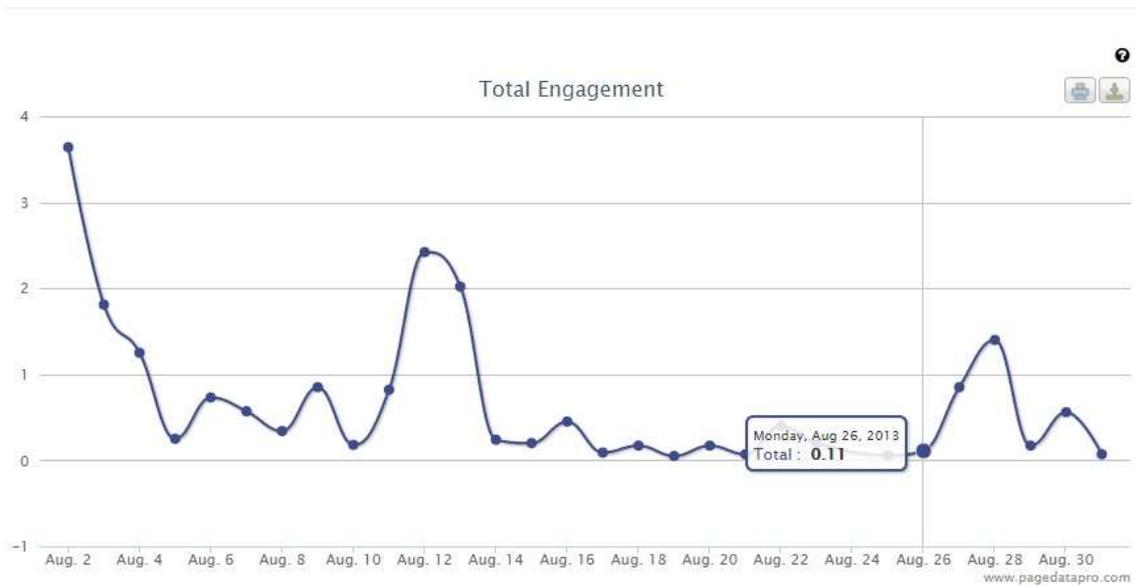
Fonte: O autor

Gráfico 55



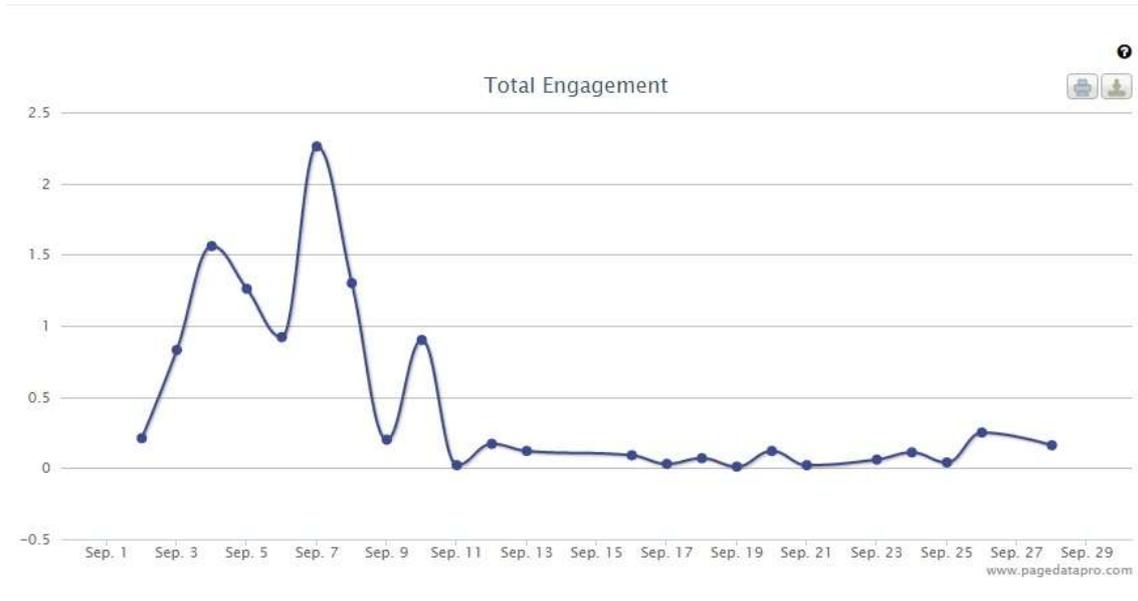
Fonte: O autor

Gráfico 56



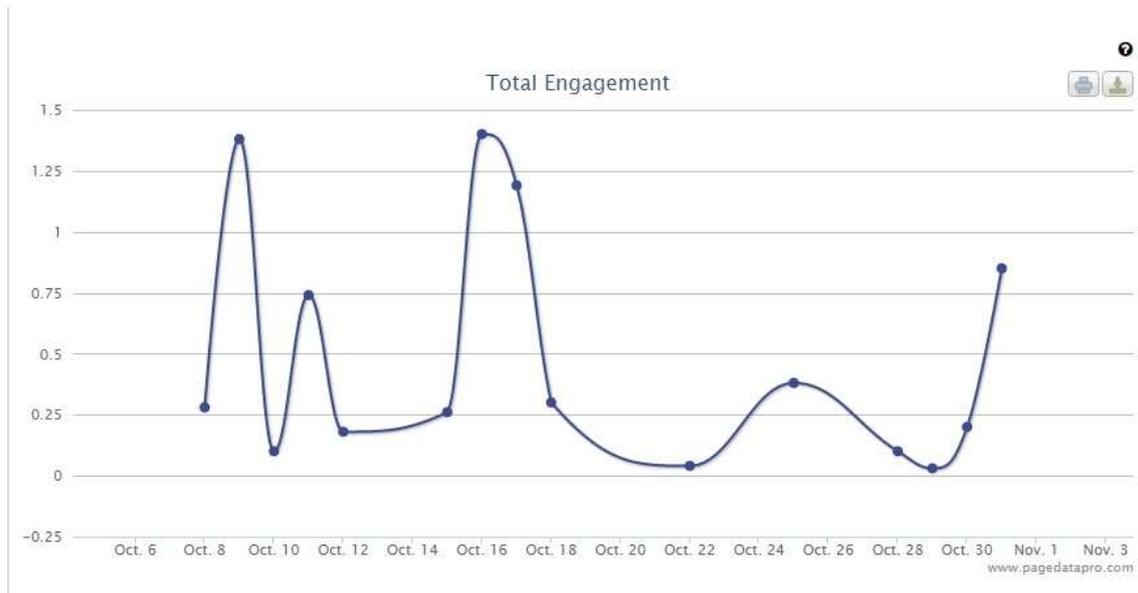
Fonte: O autor

Gráfico 57



Fonte: O autor

Gráfico 58



Fonte: O autor

ANEXO – Transcrição do vídeo “De que é a ordem?”

DE QUEM É A ORDEM? RIO, 20/06/2013 (WHO’S ORDER? — BRAZIL PROTESTS)

Transcrição de um trecho do vídeo “De quem é a ordem? — Rio, 20/06/2013 (Who’s order? — Brazil Protests)” <http://youtu.be/A87MctF-f-M>

Multidão grita “Não ... Vai ter Copaaaa!, Não... Vai ter Copaaaa!” e depois “Amanhã vai ser maior!”. Na Avenida Presidente Vargas lotada, alguns caminham com a bandeira do Brasil, outros com máscara hospitalar pra se proteger do gás. Sirenes e bombas na Avenida Presidente Vargas. Alguns manifestantes correndo das bombas. Corta. Mesmo lugar com luzes apagadas. Logo depois uma cena mostra policiais enquanto manifestantes falam “Atiraram aqui”. Um rapaz aponta “Ali óooo!!” “Caralho! Vamos embora!” Uma bomba estoura em frente à câmera. Meninas se escondem do gás enquanto passa o Batalhão do Choque da Polícia Militar. Um rapaz segura uma placa de sinalização “Praça da República”. Dezenas de policiais passam em motos na Avenida Presidente Vargas já vazia. Policiais do Bope caminham e dizem para os poucos manifestantes que ali estão: “Parabéns”, ao que respondem “Pra vocês também”. Indianara Alves Siqueira (ativista transexual) grita: “É nosso dinheiro que paga o salário de vocês! Covardes! Entendeu, é dinheiro público, é do povo!” Alguém sai correndo tentando escapar de uma bala de borracha. Alguém grita “Bravo policial!” e uma bomba de gás é lançada do outro lado da rua. Ouve-se um estrondo. Helicópteros. Começa a pegar fogo na calçada a frente.

Policiais vão em direção a um manifestante desarmado que faz sinais com as mãos para que parem. Um policial vai até ele e o empurra. Logo atrás mais uma bomba de gás estoura. Um policial grita “BOPE, direção à Candelária”. Manifestantes gritam insultos para os policiais. Uma menina com a cara pintada enrolada com a bandeira do Brasil fala em tom revoltado e nervoso pra câmera: “Ele falou pra mim se eu queria mais uma bomba porque eu falei pra ele que aqui só tem gente do bem e a polícia chegou aqui jogando bomba e aí me perguntou se eu queria mais uma, olha que legal, essa é a polícia, essa é a polícia que a gente tem. A gente vem aqui protestar e ele me pergunta se eu quero mais uma bomba!” Corta pra um manifestante tendo a mochila revistada pela polícia. O policial está gritando com ele:

“Cala a boca, estamos só te revistando!” E jogam alguma coisa da sua mochila no chão. Ele fala “Por favor alguém filma isso!” e olha pra câmera e diz “Olha isso!” indignado. O policial pede pro câmera se afastar mas diz que pode filmar. Eles devolvem a mochila. Ele lamenta por sua máscara e pergunta se pode levar o vinagre que está no chão. Um policial diz que é inflamável. Ele questiona: “Inflamável? É crime andar com vinagre?”. Ele insiste “Isso é crime mesmo, eu só quero entender!”. O policial diz para o “cidadão” seguir o seu caminho. Ele sai perguntando se pode falar se retirando ou se perdeu esse direito. O câmera se aproxima dele, outro rapaz fala que é o único país onde a polícia ainda é militar. O rapaz que foi reprimido diz: “A ONU mesmo já falou: chega de polícia militar nesse país! Chega! Isso não é mais ditadura eu não fiz nada!”. Em uma esquina próxima policiais lançam bombas em manifestantes que estão no calçadão da Presidente Vargas. Duas meninas pintadas de verde e amarelo que estão atrás de paredes na esquina gritam indignadas “Vocês não podem fazer isso não! Que absurdo!” e saem assustadas. Depois que sai do cerco dos policiais a manifestante grita para eles: “Vai tomar no cú!” Enquanto o policial se aproxima como que pra tirar satisfação com arma em punho ela, desarmada pergunta, “Você acha isso certo?”. Outro policial segue ao seu lado dizendo “Calma! Ela quer isso.” Um policial diz: “A gente só está tentando estabelecer a ordem.” Policiais apontam pra algum lugar. Passa o caveirão. Alguém comenta: “É o legado da Copa”.